

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>2</b>
<b>CAPÍTULO I – AS EQUIPAS DE JOVENS DE NOSSA SENHORA</b> .....	<b>3</b>
1.1. QUEM SOMOS.....	3
1.2. O QUE NOS CARACTERIZA .....	4
1.3. A NOSSA HISTÓRIA .....	7
<b>CAPÍTULO II – OS 4 TEMPOS DA REUNIÃO DE EQUIPA</b> .....	<b>19</b>
2.1. A ORAÇÃO .....	19
2.2. A PARTILHA .....	21
2.3. O ESTUDO E DISCUSSÃO DO TEMA.....	22
2.4. O PONTO DE ESFORÇO .....	233
<b>CAPÍTULO III – A PILOTAGEM DE UMA EQUIPA</b> .....	<b>25</b>
3.1. O QUE É UMA PILOTAGEM .....	25
3.2. O PAPEL DOS PILOTOS.....	25
3.3. A PRIMEIRA REUNIÃO.....	28
3.4. ABERTURA AO MUNDO, COMPROMISSO .....	29
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>30</b>
4.1. UM CONVITE, UM SERVIÇO .....	30
4.2. SER RESPONSÁVEL NO MOVIMENTO.....	31
<b>CAPÍTULO V</b> .....	<b>34</b>
5.1. O PAPEL DO CONSELHEIRO ESPIRITUAL .....	35
5.2. O PAPEL DO CASAL ASSISTENTE.....	37
<b>CAPÍTULO VI</b> .....	<b>39</b>
6.1. A ESTRUTURA DO MOVIMENTO.....	40
6.2. A EQUIPA DE ANIMAÇÃO INTERNACIONAL .....	41
6.3. O SECRETARIADO INTERNACIONAL.....	41
6.4. A EQUIPA DE ANIMAÇÃO NACIONAL.....	42
6.5. O SECRETARIADO NACIONAL .....	43
6.6. O SECRETARIADO DE SECTOR .....	43
<b>CAPÍTULO VII</b> .....	<b>45</b>
7.1. A REUNIÃO DE INFORMAÇÃO .....	45
7.2. OS ENCONTROS E ACTIVIDADES A NÍVEL REGIONAL .....	47
7.3. OS ENCONTROS A NÍVEL NACIONAL .....	49
7.4. O ENCONTRO INTERNACIONAL .....	51

## Introdução

Este "Documento Nacional" surge da necessidade de reunir num só documento informações dispersas sobre os vários aspectos referentes às Equipas de Jovens de Nossa Senhora (E.J.N.S.), por forma a melhor poder transmitir aos equipistas, com cargos de responsabilidade ou não, o essencial do modo de caminhar em equipa.

Buscando na "Carta Internacional" (CI) os princípios fundamentais, este documento procura complementá-la e aprofundá-la – nunca substituí-la. Recomenda-se, por isso, a leitura prévia daquela Carta antes de iniciar o estudo deste Documento.

O Documento Nacional não pretende ser uma obra acabada. Os 7 capítulos que o compõem não devem ser interpretados como regras rígidas mas podem ajudar a melhorar a equipa a que pertencemos, a responsabilidade que assumimos, o secretariado de que fazemos parte, a pilotagem que estamos a animar.

Que Nossa Senhora, Mãe de Deus e Mãe das nossas equipas, nos ajude a viver mais intensamente este Movimento e a descobrir nele a grandeza do amor de Deus por cada um de nós.

A Equipa de Animação Nacional  
e o Secretariado Nacional 1995/96

Devido a alterações à Carta Internacional, por deliberação da Equipa de Animação Internacional, no decorrer do Encontro Internacional – Feytroum 1999 (Líbano), foram efectuadas algumas alterações ao Documento Nacional.

Procurámos, deste modo, contribuir para tornar este documento um pouco mais completo e actual, de acordo com a nossa realidade cultural e social.

Que Nossa Senhora, Mãe de Deus e Mãe das nossas equipas, nos ajude a viver mais intensamente este Movimento e a descobrir nele a grandeza do amor de Deus por cada um de nós.

A Equipa de Animação Nacional  
e o Secretariado Nacional 2001/2003

## CAPÍTULO I

### As Equipas de Jovens de Nossa Senhora

#### 1.1. Quem somos

As Equipas de jovens de Nossa Senhora (E.J.N.S.) são um movimento de formação espiritual que propõe aos seus membros um caminho de crescimento cristão e humano em comunidade, em equipa; de acordo com a Carta Internacional das E.J.N.S..

Porque queremos responder ao convite de Cristo, que nos diz "vem e segue-Me" (Mc 10, 21), e porque O queremos melhor conhecer e amar, escolhemos, de entre várias formas de viver a Fé em Igreja, uma pequena comunidade (a equipa) composta por 6 a 12 jovens, acompanhados por um casal assistente e um conselheiro espiritual.

As E.J.N.S. destinam-se a jovens cristãos solteiros dos 15 aos 24 anos. O Movimento propõe-lhes viver e amadurecer a sua Fé no seio da Igreja e do mundo e encaminha-os para a adesão a Cristo numa idade em que se fazem importantes escolhas de vida (matrimónio, consagração, profissão...). É na equipa, num ambiente de escuta, de partilha, de oração e de tomada de responsabilidades, que se torna possível discernir chamamentos do Senhor e, tendo o "sim" da Virgem Maria como modelo, responder generosamente a eles criando um mundo onde Deus esteja presente.

#### A equipa e o Movimento

Cada membro das E.J.N.S. pertence a uma equipa e, simultaneamente, a um Movimento, que é composto por muitas outras equipas semelhantes à sua, mas com modos de viver diferentes segundo um mesmo espírito. A riqueza das E.J.N.S. reside na dupla participação na equipa e no Movimento.

Pertencer a uma equipa significa participar activamente nas reuniões mensais, procurando nela, mais do que um grupo de amigos, um verdadeiro local de encontro com Cristo através da *oração*, da *partilha*, do *estudo e discussão de um tema* e do *ponto de esforço* – os 4 tempos da reunião de equipa. A equipa não é um objectivo em si, mas um meio de crescimento espiritual e humano para cada um dos seus membros, que deve ser complementado pela oração individual, pela escuta da Palavra de Deus, pela assiduidade aos Sacramentos (em especial a eucaristia e a reconciliação), pela caridade ao próximo e pela participação na vida da Igreja e do Movimento.

Pertencer ao Movimento significa participar nas actividades que nos são propostas ao nível da nossa região (encontros, convívios, orações comunitárias, retiros, acções de carácter sócio-caritativo, etc.), ao nível do nosso país (encontro nacional, encontros de responsáveis, peregrinações, etc.) e ao nível internacional (encontro internacional, jornadas mundiais da juventude, etc.). Mas pertencer ao Movimento significa também comprometer-nos com os outros aceitando responsabilidades e ajudando a preparar e organizar actividades para todos.

Cada equipista tem autonomia e liberdade para escolher em que actividades se quer empenhar mediante a sua diversidade cultural, de formação, de modo de a amadurecer os seus próprios dons, e descobrir a resposta à vocação.

## 1.2. O que nos caracteriza

### a) Inseridos na Igreja

Somos um Movimento de Igreja, na Igreja e para a Igreja.

- de Igreja, porque foi em comunidade que Cristo quis perpetuar a Sua presença junto dos homens (Mt 18,20);
- na Igreja, porque estamos plenamente em comunhão com a Igreja Católica, procuramos viver de acordo com a doutrina apostólica romana e experimentamos a riqueza que é a diversidade de carismas que o Espírito Santo inspira (1 Cor 12, 4-6);
- para a Igreja, porque as E.J.N.S. não são um fim em si mesmas, mas têm como objectivo inserir os seus membros numa comunidade muito mais vasta de cristãos, alimentando neles o amor à Igreja que Cristo instituiu (Mt 16, 18).

### b) Espiritualidade de passagem e pedagogia de partilha

Em ordem à santificação de cada um dos seus membros, as E.J.N.S. caracterizam-se por uma *espiritualidade de passagem* e por uma *pedagogia de partilha*.

A *espiritualidade de passagem* significa que o objectivo do movimento é proporcionar a cada um dos seus membros um ambiente espiritual que lhes permita fazer a passagem de uma Fé recebida para uma Fé vivida, passagem para uma Fé mais sólida e madura, passagem para a descoberta de uma vocação, passagem para um assumir de compromissos com confiança.

A *pedagogia de partilha* significa que os membros da equipa seguem um determinado percurso de aprendizagem e aprofundamento da Fé num ambiente de partilha, de confiança e de ajuda mútua.

### c) Em equipa

O crescimento espiritual de cada um, a participação na vida do Movimento e da Igreja, as tarefas de organização, enfim todos os aspectos das E.J.N.S., não são somente fruto do esforço individual, mas desenvolvem-se porque tudo é feito "em equipa".

Esta é uma característica fundamental deste Movimento (até lhe deu o nome...) pois é na medida em que contribuimos, em que nos entregamos aos outros e a Deus que mais amamos e mais crescemos. "Em equipa" ajudamos o outro a encontrar a solução para as suas questões, os seus problemas e descobrimos que, ao fazê-lo, resolvemos os nossos. "Em equipa" enfrentamos os desafios de organizar actividades que permitam aos outros encontrar Cristo e acabamos, também nós, por encontrá-Lo. "Em equipa" sentimo-nos acompanhados na nossa busca de felicidade.

d) De jovens

Poder partilhar a própria Fé com pessoas da mesma idade é outra grande riqueza das E.J.N.S.. Numa altura da vida em que se tomam grandes opções e se definem rumos a seguir, sentir o apoio de jovens semelhantes a nós, com as mesmas preocupações, problemas e questões, que procuram seguir Cristo de forma séria e comprometida é um grande estímulo.

Cada equipa é, preferencialmente, composta por jovens com idades aproximadas. Pelo facto de se encontrarem todos em equivalente nível espiritual, profissional, psíquico, etc., consegue-se um maior "à vontade" na amizade, uma maior intimidade na partilha, um aprofundamento do tema satisfatório para todos, uma oração apropriada à exigência da idade.

e) Nossa Senhora

A Virgem Maria é para nós modelo de como o homem se deve colocar perante Deus, aceitando o convite que Ele nos dirige ("Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra" - Lc 1,38), percebendo que só Deus tem a resposta para a totalidade da nossa vida ("Fazei tudo o que Ele vos disser" - Jo 2, 5), permanecendo fiel a Ele apesar das contrariedades ("Junto à cruz estavam sua mãe" - Jo 19,25) e procurando maior intimidade com o Senhor através da oração (Act 1,14).

O nome de Nossa Senhora, recebido em herança pelas Equipas de Nossa Senhora (E.N.S.), dá a cada equipista o desejo de compreender o lugar de Maria no Mistério de Cristo e, portanto, também no Mistério da Salvação. Cada um encontrará, assim, na sua própria vida o lugar que Deus dá a Maria. É por isso que as equipas se colocaram sob a protecção de Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja (Cl, 1-3).

f) Acompanhados por um conselheiro espiritual e por um casal assistente

Os jovens não fazem a caminhada na equipa sozinhos. O acompanhamento de uma equipa por um casal assistente e (sempre que possível) por um conselheiro espiritual dá-lhe mais dinamismo e mais responsabilidade. Esta exigência não resulta só da presença de pessoas mais adultas, mas, acima de tudo, porque tanto o conselheiro como o casal representam junto dos jovens uma vocação cristã muito específica, o sacerdócio e o matrimónio.

O casal, geralmente pertencente às Equipas de Nossa Senhora, é para a equipa um sinal e um testemunho de fidelidade vivida com Deus, de vida espiritual partilhada e de compromisso como leigos no mundo. O conselheiro, por outro lado, é para a equipa um testemunho de vida consagrada a Deus, um estímulo ao aperfeiçoamento dos 4 tempos da reunião e uma ligação mais pessoal dos jovens à Igreja.

g) Movimento familiar

Geralmente as equipas reúnem-se em casa uns dos outros e, tantas vezes, em casa do casal. O ambiente familiar contribui para criar laços mais estreitos entre as pessoas, mesmo aquelas que mais dificilmente se abrem aos outros. Contribui também para que todos se sintam acolhidos e integrados, pois, por vezes, não basta haver uma razão para nos encontrarmos (a reunião mensal), é importante cuidar do

ambiente que nela se vive. A familiaridade traduz-se também na partilha de uma refeição, momento imprescindível que antecede ou termina as reuniões.

Esta familiaridade, que ao longo do tempo se vai criando, proporciona um ambiente de confiança e amizade essencial à partilha da Fé.

#### h) Os quatro tempos da reunião mensal

Cada reunião mensal tem um "esquema tipo" que corresponde a uma ocupação do tempo bastante bem definida. Com efeito, cada reunião, que tem uma duração variável (mínimo 2 a 3 horas, máximo...), divide-se naquilo a que chamamos "os 4 tempos", ou seja, a *oração*, a *partilha*, o *estudo e discussão do tema*, e o *ponto de esforço*. Estes 4 tempos ajudam-nos a amadurecer a nossa Fé, a firmar as nossas convicções e a alcançarmos uma maior intimidade com o Senhor.

A periodicidade mensal é outra das características que nos define. A exigência de uma reunião por mês não é tão grande como, por exemplo, uma reunião semanal, escolhida por outros movimentos juvenis. Apesar disso, nada impede que a equipa se encontre mais vezes durante o mês, como, por exemplo, em reuniões de amizade, actividades do Movimento participadas em equipa, pontos de esforço concretos, etc.

#### i) A responsabilidade

"Nas E.J.N.S. todas as responsabilidades são asseguradas pelos jovens. O assumir de um compromisso é, acima de tudo, uma resposta interior a um chamamento. Não se trata de cumprir um dever, mas de dizer um sim pessoal a Deus.

A responsabilidade nas E.J.N.S. não é, por isso, uma obrigação, mas um serviço que se aceita pelos outros" (CI, III). O testemunho de tantos e tantos responsáveis de equipa, de região, nacionais e internacionais é unânime: assumir uma responsabilidade no Movimento é muito gratificante. Conduz-nos a um compromisso mais intenso de oração (proximidade com Deus), a uma participação mais séria na nossa equipa, a uma presença mais activa na vida do Movimento e, como resultado de tudo isto, a uma alegria maior em pertencer às Equipas, à Igreja e a Cristo.

Por isso, faz parte da nossa passagem pelas E.J.N.S. assumirmos responsabilidades, pois são elas que nos fazem crescer na Fé e põem em prática os talentos que Deus nos deu (Lc 19, 11-27).

#### j) Movimento internacional

O facto de podermos conhecer equipistas de outros países, que vivem a mesma experiência cristã que nós, é uma graça fantástica que as E.J.N.S. proporcionam. A internacionalidade é uma especificidade do Movimento, não só porque aquilo que hoje somos resulta da troca de experiências entre pessoas de vários países, mas também porque as E.J.N.S. nasceram num Encontro Internacional (Roma, Setembro 1976) fruto da vontade de jovens vindos do mundo inteiro.

Esta internacionalidade é alimentada pelos encontros internacionais, pelas reuniões periódicas de responsáveis nacionais e porque todos as equipas se baseiam na CI, que é o principal documento do Movimento. Cada nova equipa que se forma deve ter especial atenção em seguir as orientações definidas na Carta. Cabe aos responsáveis do Movimento viver e transmitir o conteúdo e o espírito desta Carta.

### 1.3. A nossa história

A formação de Equipas de Jovens era um projecto que os casais responsáveis das Equipas de Nossa Senhora (E.N.S.), Movimento de casais católicos espalhado pelo mundo inteiro, tinham desde há alguns anos. Durante o Encontro Internacional das E.N.S. em Roma em 1970 houve intenção de concretizar este projecto, mas somente em 1976 foi possível fazê-lo.

Paris, 1976 – Estava em preparação mais um Encontro Internacional das E.N.S.. A Christine d'Ammonville, filha do casal responsável internacional, o Thierry Rosset e alguns outros sugerem e organizam um encontro para jovens onde possam ser acolhidos os filhos dos casais participantes no Encontro, seja qual for a sua nacionalidade. Pedem para isso a colaboração do Pe. Guy Thomazeau.

Roma, Setembro 1976 – Paralelamente ao Encontro dos casais, decorre um encontro de jovens vindos de todo o mundo, dos quais cerca de 160 são portugueses, donde sai o projecto de criar um Movimento juvenil católico, inspirado na espiritualidade e no modo de funcionar das Equipas de Nossa Senhora. O Movimento é internacional desde o início, embora o seu carisma só a pouco e pouco se vá definindo.

Paris, 1976/77 – A Christine d'Ammonville é considerada idealista e teimosa. Todos consideram que o tempo vai diluir o seu projecto, que não passa de uma ideia bonita. Enfrentando o descrédito de todos, a Christine não desiste e começa a preparar um 2º Encontro do Movimento, a realizar no Verão. O Pe. Guy Thomazeau e o casal Jacqueline e Michel Perreau aceitam continuar a ajudá-la. Entretanto, de forma quase espontânea e sem organização, os jovens vindos de Roma começam a reunir-se em equipas em vários países.

Porto, 1976/77 – Na sequência do Encontro Internacional de Roma, começam a surgir no Porto os primeiros "Grupos de Partilha Jovem". Para coordenar a criação destes grupos, o Jorge Luís Teixeira organiza, no Porto, um Secretariado Provisório. Estes grupos, constituídos por participantes no Encontro de Roma, passam a chamar-se "Equipas de Jovens". O Frei Bernardo Domingues, conselheiro espiritual de equipas de casais, convida o Carlos Grijó para organizar o Movimento, que começa a formar-se, e para preparar a participação portuguesa no Encontro do Movimento em Gap.

Gap, Setembro 1977 – Reúnem-se uma centena de jovens de vários países da Europa, dos quais cerca de 40 são portugueses. Verifica-se que o projecto do Movimento começou a dar os seus frutos. As Equipas de Jovens de Nossa Senhora são já uma realidade e saem de Gap fortalecidas e cheias de esperança. O encontro é um sucesso. Marca-se outro para daí a um ano.

Porto, 1977/78 – O Secretariado, com sede na Rua da Boavista, no Porto, e as cerca de 5 equipas da Região organizam o primeiro Encontro de Fim de Ano, no Seminário de Valadares. Durante os próximos anos este Encontro, realizado em Janeiro, é a actividade mais importante do Movimento nortenho, assim como as missas mensais e

o retiro de Páscoa. Em Abril 78 realiza-se o 1º Encontro Nacional, embora só com participação de equipistas da Região Norte.

Lisboa, 1977/78 – À semelhança do que acontecia no Porto, começam a formar-se em Lisboa os primeiros grupos que querem reunir com alguma regularidade. Em Lisboa, é um grupo de jovens, sobretudo filhos de casais das E.N.S., que, na sequência de um retiro com o Pe. Victor Feytor Pinto, começou a reunir-se todos os primeiros Sábados em casa do casal Ana e Pedro Pessoa de Carvalho, antes da missa dos casais para rezar e meditar sobre o Evangelho.

Lourdes, Setembro 1978 – O 3º Encontro Internacional das E.J.N.S., na altura ainda referido como "o Encontro do Movimento" (pois era o que congregava anualmente os jovens dos vários países), entusiasma as pessoas e responsabiliza-as. Em França, onde há já equipas a funcionar regularmente em várias regiões, está sediada a Equipa de Animação do Movimento, que se ocupa também da ligação internacional.

Lisboa, 1978/79 – A Isabelinha e o Pedro Beltrão, um casal das E.N.S., são convidados para apoiar os jovens interessados em aderir a esta experiência. Começam a orientar um grupo de cerca de 30, que reúne mensalmente, embora com uma participação irregular. A partir de Fevereiro, contam com a ajuda do Pe. João Seabra.

Fátima, Abril 1979 – 2º Encontro Nacional, desta vez com jovens da Região Norte e de Lisboa.

Serlat, Setembro 1979 – 4º Encontro Internacional das E.J.N.S. em que participam cerca de 200 jovens de vários países. A Teresa e o Rui Miguéis são o casal que acompanha a delegação portuguesa. Os representantes (só a partir desta altura se começa a falar de "responsáveis") dos vários países e a Equipa de Animação do Movimento, dinamizada agora pelo Jean-Michel Vallat, redigem o "Contrat - Equipes Notre-Dame Jeunes", primeiro documento que explica o que é o Movimento.

Lisboa, 1979/80 – A Isabelinha e o Pedro resolvem reforçar a exigência. Ao longo deste ano houve uma presença mais constante de jovens e as reuniões seguiram um itinerário catequético sistemático. Em Junho 80, na Merceana, realiza-se o 1º Encontro da Região Sul das E.J.N.S.. Na sequência deste encontro, a Isabelinha e o Pedro e o Pe. João Seabra convidam casais das E.N.S. para assistirem equipas de jovens. Formam-se as primeiras 4 equipas de Lisboa, tendo como casais assistentes a Isabelinha e o Pedro Beltrão, a Luísa e o Miguel Horta e Costa, a Astrid e o Paulo Arruda Moreira e a Teresa e o Rui Miguéis.

Região Norte, 1979/80 – O Secretariado elabora o "Documento Orientador", uma carta que explica o que são as E.J.N.S.. Começam a ser enviadas as "Páginas Amarelas", um boletim com notícias sobre as equipas de jovens que aparece como suplemento da carta mensal das Equipas de casais. No Porto é feita, pela primeira vez, a pilotagem de uma equipa de jovens.



Batsurguère, Agosto 1980 – O 5º Encontro Internacional das E.J.N.S. reuniu representantes de 9 países. Pela primeira vez estiveram representados os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Síria - países onde ainda não há equipas. Participaram 250 jovens, alguns casais e padres, contando o grupo português 18 jovens e 1 casal. O ponto alto deste Encontro foi a missa internacional celebrada no Santuário de Lourdes.

Internacional, 1980/81 – O Movimento cresce a olhos vistos, as E.J.N.S. estão agora espalhadas pela Europa: França, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Espanha e Portugal. No Encontro de Batsurguère tomaram-se decisões importantes: cada equipa deve ter um responsável que manterá contacto com o responsável regional; cada país terá um responsável nacional, ou grupo de responsáveis regionais, que fará a ligação à Equipa de Animação do Movimento; encontros regionais e nacionais são actividades a organizar em cada país; o Encontro Internacional continua a ser anual.

Portugal, 1980/81 – Em Dezembro 80 realiza-se o 1º Encontro de Responsáveis de Secretariados, em Vila Chã. A Gi Serrão é eleita presidente da Região Sul e forma o primeiro Secretariado Regional, assistido pela Isabelinha e Pedro Beltrão e pelo Pe. João Seabra, que passa a ter sede no mesmo local das Equipas de casais (Avenida de Roma, 96-4ºEsq., em Lisboa). Entre as primeiras actividades organizadas pelo secretariado contam-se os retiros, que se tornarão tradicionais nas E.J.N.S., e os encontros trimestrais. A partir deste ano às 5 equipas (1 nova em Oeiras) passam a ser cobradas quotas para pagar a correspondência - 250\$00 por ano. Na Região Norte o Movimento também avança, com a assistência do Frei Bernardo e o Carlos Grijó como responsável. Há 8 equipas no Porto, 2 na Vila da Feira, 1 em Coimbra e 1 na Guarda.

Garaison, Agosto 1981 – 6º Encontro Internacional das E.J.N.S. com 40 portugueses.

Portugal, 1981/82 – O Movimento cresce cada vez mais. A Zé Castelo Branco substitui a Gi Serrão e a Luísa e o Miguel Horta e Costa são o novo casal assistente do Secretariado da Região Sul. Pela primeira vez é enviado às equipas um caderno com temas para o ano inteiro - até agora os temas eram enviados cada mês. Realiza-se em Fátima, em Março 82, o 3º Encontro Nacional, com equipistas vindos de todo o país. O Papa visita Portugal em Maio 82 e jovens das equipas vão ouvi-lo ao Parque Eduardo VII. No final do ano contam-se 13 equipas na Região Sul e 16 na Região Norte, incluindo uma nova equipa em Famalicão.

Roma, Setembro 1982 – 7º Encontro Internacional das E.J.N.S., em união com as Equipas de casais. Os dois movimentos têm uma audiência particular com o Papa João Paulo II que abençoa o segundo "Contrat" na presença do Jean-Michel Vallat, da Claire de la Sayette (nova responsável da Equipa de Animação do Movimento), da Madalena Fontoura entre muitos outros. A participação portuguesa no Encontro é caracterizada por uma grande devoção a Nossa Senhora, o que vai, a partir daí, marcar fortemente o Movimento. O Encontro termina com uma consagração das E.J.N.S. a Nossa Senhora na Basílica de Santa Maria Maior.

O Pe. Jean Marie Dubois substitui o Pe. Guy Thomazeau como conselheiro do Movimento a nível internacional. A partir deste ano há equipas a funcionar na Colômbia.

Portugal, 1982/83 – Em Novembro 82 realiza-se em Fátima novo Encontro dos Secretariados das Regiões Norte e Sul, ao mesmo tempo que se festejam os 25 anos das E.N.S..

Este foi um ano de enorme crescimento em número de equipas na Região Sul (5 em Lisboa, 1 na Figueira da Foz, 1 na Barquinha, 2 em Torres Vedras e 2 em Cascais). Para manter uma ligação entre elas é lançado em Dezembro 82 o jornal da Região Sul, a "Partilha", a princípio enviado irregularmente e mais tarde mensalmente, cujo primeiro director foi o Miguel Pape. Adopta-se o nome "pilotagem" para designar cada nova equipa animada por 2 jovens mais antigos no Movimento, tal como já acontecia na Região Norte. No 4º Encontro da Região Sul, em Julho 83 na Merceana, é eleita presidente por 2 anos a Madalena Fontoura.

Garaison, Agosto 1983 – 8º Encontro Internacional das E.J.N.S. em que, à semelhança dos anteriores, os participantes se dividiram em 4 grupos: um de marcha, um de ajuda aos peregrinos de Lourdes, um de oração, e outro de música.

Internacional, 1983/84 – O Movimento em França é reconhecido oficialmente. A sede do Movimento internacional passa a ser junto das Equipas de casais, na Rue de La Glacière, 49, em Paris. É escolhida uma sigla e é aberta uma conta bancária. O Vincent de Feligonde é o novo responsável da Equipa de Animação do Movimento.

Região Sul, 1983/84 – O 4º Encontro Nacional, em Fátima em Abril 84, é a actividade principal deste "ano de aprofundamento" nas equipas de jovens portuguesas. Durante este ano o Secretariado reforça a estrutura do Movimento através da criação de "J's de ligação" (membros do secretariado que farão o contacto entre este e cada equipa) e organiza um curso de doutrina cristã e o primeiro crisma de jovens das E.J.N.S.. A directora da "Partilha", que integra o Secretariado, é por 2 anos a Xalim Marques. Contam-se já 24 equipas na Região Sul. No verão de 84 fez-se o 1º Campo de Férias, organizado pela Isabelinha e o Pedro Beltrão para jovens que ainda não têm idade para entrar nas equipas.

St. Saturnin, Agosto 1984 – 9º Encontro Internacional das E.J.N.S., em que o Denis Miglianico assume a responsabilidade da Equipa de Animação do Movimento. As Equipas estendem-se ao Brasil e à Itália.

Região Norte, 1984/85 – O Secretariado, assistido pelo Frei Bernardo Domingues, tem agora como responsável o Carlos Abrunhosa de Brito.

Região Sul, 1984/85 – Novamente este é um ano de crescimento e expansão para novos locais (Santarém, Almeirim,...). No final do ano é criada a primeira equipa de acção social das E.J.N.S., sob a responsabilidade da Emilinha Costa André. Como preparação do Encontro Internacional os temas deste ano aprofundam o tema do próprio Encontro: "Eis a tua Mãe".

Penafirme, Agosto 1985 – 10º Encontro Internacional das E.J.N.S., pela primeira vez realizado em Portugal. A peregrinação a Fátima é o ponto forte. A devoção a Nossa Senhora deixa de ser um particularismo português para se definir claramente como perfil do Movimento. Ao nível internacional um grande passo é dado, durante este encontro, com a criação da Equipa de Animação Internacional (E.A.I.) e do Secretariado Internacional (S.I.), que substituem a Equipa de Animação do Movimento.

Internacional, 1985/86 – O responsável da recém-criada Equipa de Animação Nacional francesa, Louis Duvaux, é nomeado também responsável internacional e conta com a Odile e o Bernard Petit, como casal assistente, e com o Pe. Jean Marie Dubois. O Movimento conta já 2500 jovens. Reunidos em Mar Blaru (França), em Março 86, a E.A.I. e o S.I. definem a nova estrutura do Movimento.

Portugal, 1985/86 – Na Região Sul, o Miguel Morais Sarmiento substitui a Madalena Fontoura e há um novo casal assistente do Secretariado: a Ana e o Paulo Líbano Monteiro. O director da "Partilha" este ano é o Francisco Cortez Ferreira. Vive-se uma fase de transição em que as E.J.N.S. deixaram de ser um Movimento "familiar", em que todos se conhecem, e cresceram até à dimensão de quase 50 equipas só na Região Sul, das quais 10 formadas este ano. Em Março 86 realiza-se o 5º Encontro Nacional. Durante este ano informatizam-se os ficheiros das equipas.

La Sallette, Agosto 1986 – 11º Encontro Internacional das E.J.N.S.. O Xavier Charron é o novo responsável internacional, acumulando este ano o cargo com o de responsável nacional francês. Anuncia-se o Encontro em Espanha. Os espanhóis, ao fim de alguns anos de silêncio, que dedicaram à estruturação nacional, aparecem cheios de força.

Portugal, 1986/87 – Em Outubro 86 realiza-se em Benavente o Encontro Regional Sul. Em Dezembro 86 a E.A.I. reúne-se em Lisboa. Acentuam-se as dificuldades de ligação entre a Região Norte e a Região Sul. O Encontro Nacional, programado para Abril 87, é desmarcado. Em substituição tem lugar em Lisboa o Encontro da Região Sul. O director da "Partilha" é agora o Alexandre Jardim de Oliveira. Neste ano as E.J.N.S. portuguesas adoptam uma nova sigla.

Santiago de Compostela, Julho 1987 – 12º Encontro Internacional das E.J.N.S., com 700 participantes. Os países do costume vêm em muito maior número e há participações novas e importantes como a do Líbano e a da Síria. Pela primeira vez na história das E.J.N.S. o cargo de responsável internacional é separado do cargo de responsável nacional francês. O Encontro Internacional passa a ser bienal.

Região Sul, 1987/88 – A Rosarinho Sousa Leitão substitui o Miguel Morais Sarmiento e entram em função a Mina e o Rui Soares Franco como assistentes do Secretariado Regional. A Bébé Sousa Leitão é a nova directora do jornal "Partilha". O Encontro Regional é em Novembro 87 em Lisboa. Durante o Encontro de Responsáveis, em Janeiro 88, fez-se um importante balanço acerca do Movimento (os 4 tempos da reunião de equipa, o papel do casal, participação nas actividades,...). Em Abril 88 realiza-se em Fátima o 6º Encontro Nacional. Neste ano formaram-se 12 pilotagens.

Lourdes, Setembro 1988 – Reunião da E.A.I. durante a qual os responsáveis dos vários países redigem a Carta Internacional, principal documento do Movimento. Trocam-se experiências importantíssimas e prepara-se a expansão do Movimento para a América Latina. Entretanto, o Thibaut Roussel substitui o Xavier Charron como responsável internacional e a Chantal e o André Charbonnier e o Pe. Gilles Rivière são os novos assistentes da E.A.I. e do S.I..

Portugal, 1988/89 – Cria-se finalmente o Secretariado Nacional (S.N.), presidido pela Madalena Fontoura e sendo casal assistente a Isabelinha e o Pedro Beltrão. O Tiago Líbano Monteiro substitui a Rosarinho Sousa Leitão como presidente da Região Sul. O Pedro Fradique Morujão assume a responsabilidade na Região Norte e conta com o casal Sofia e Carlos Grijó e o Pe. Rui Osório como assistentes. À frente da equipa da "Partilha" temos o Miguel Abranches Pinto. O Encontro Regional Sul é em Novembro 88 na Alorna e fica marcado pela saída do Pe. João Seabra do Movimento. Durante este ano é criado o Sector de Santarém, que terá o Francisco Pombas como responsável do primeiro secretariado.

Fátima, Agosto 1989 – O 13º Encontro Internacional ficou marcado pelo início da presença sul-americana nas E.J.N.S. e pelo testemunho dos jovens libaneses, vindos de um país em plena guerra civil. O Thibaut Roussel dá o lugar ao Thibaut Fontanet à frente do S.I. e da E.A.I.. Em Julho 90 este último é substituído pelo Pierre Vérot.

Portugal, 1989/90 – Mantêm-se os secretariados nacional e regionais do ano anterior. O Tiago Maymone Martins é o novo director da "Partilha", o jornal da Região Sul. Em Janeiro 90 são aprovados os estatutos das E.J.N.S. da Diocese de Lisboa e o Movimento passa a ter conta bancária. Formam-se 2 equipas em Coimbra, 1 em Chaves e 2 em Vila Real. Realiza-se em Cernache, em Março 90, o 1º Encontro de Formação, com participação de equipistas de todo o país. O 7º Encontro Nacional, em Penafirme, foi adiado para Outubro 90.

Portugal, 1990/91 – A Janjão Laje fica à frente do S.N., que é assistido agora por D. Januário Torgal Ferreira e pelo casal Beca e Pedro Bobone. A Margarida da Cunha é a nova responsável da Região Sul, cujo secretariado conta com a Mina e o Rui Soares Franco e o Pe. Luís Alberto Martins de Carvalho. É formada a Equipa de Animação Nacional (E.A.N.) que inicialmente é constituída pelo responsável nacional e pelos responsáveis das 2 regiões. O Movimento começa em Tomar e Riachos. O director da "Partilha" é o Zé Líbano Monteiro. São enviados, pela primeira vez, os cadernos de preparação do Advento e da Quaresma. O Luís Ferreira do Amaral introduz o programa dBase para tratamento informático dos ficheiros das E.J.N.S..

Polónia, Agosto 1991 – Durante o 14º Encontro Internacional e as Jornadas Mundiais da Juventude, em Czestochowa, celebram-se os 15 anos do Movimento. São 12 as camionetas das E.J.N.S. a viajar por terras da Europa de Leste, entre as quais 4 de Portugal. O Fadi Boustani, libanês, recebe o cargo de responsável internacional, pela primeira vez assumido por um jovem não francês. O Pe. Pierre Lafond é o novo conselheiro e a Bénédicte e o Gilles Dargnies o novo casal do S.I. e da E.A.I.. As E.J.N.S. começam no Canadá e na Índia.

Portugal, 1991/92 – Na Apúlia em Novembro 91 teve lugar o Encontro Nacional de Início de Ano em que a Janjão Laje passa o testemunho ao Francisco Pombas. Na Região Norte o responsável continua a ser o Pedro Morujão e no Sul é agora a Catarina Gião, assistida pelo casal Marta e Francisco Castro e pelo Pe. Luís Alberto Martins de Carvalho. O responsável do sector de Santarém é por 3 anos o João Paulo Dinis. É criado o sector de Torres Vedras sob responsabilidade da Margarida Gomes. A "Partilha", que tem sido enviada somente para a Região Sul, passa a ser o jornal nacional das E.J.N.S. a partir de Janeiro 92, sob a direcção da Marta Prata. Também os temas este ano passam a ser enviados para todo o país e já não só para a Região Sul. As E.J.N.S. inscrevem-se no Registo Nacional das Associações Juvenis. Em Maio 92 comemoram-se os 75 anos das Aparições de Nossa Senhora e as E.J.N.S. organizam mais uma vez a tradicional peregrinação a pé ao santuário de Fátima.

Fátima, Março 1992 – O ponto alto do 8º Encontro Nacional foi a missa celebrada na Capelinha das Aparições em que mais uma vez se consagrou o Movimento a Nossa Senhora. Estiveram presentes a responsável brasileira, um francês do S.I. e uma libanesa neste encontro. Estreou-se neste encontro o livro de músicas das Equipas "111 Cânticos". A partir deste ano o encontro nacional será anual.

Líbano, Agosto 1992 – Na reunião da E.A.I. em Zaraya combinou-se que o próximo encontro internacional seria em Roma e, depois de uma aprofundada reflexão acerca da internacionalidade do Movimento, elaborou-se um importante documento acerca dos encontros internacionais.

Portugal, 1992/93 – A Catarina Gião é a nova responsável nacional assistida pelo Pe. Nuno Serras Pereira e pela Beca e o Pedro Bobone. Na Região Sul a Inês Freitas e na Região Norte o Pedro Barbosa assumem a responsabilidade. A Marta e o Francisco Castro e o Pe. Ildo Fortes são assistentes do Secretariado da Região Sul; no Norte mantêm-se a Sofia e o Carlos Grijó e o Pe. Rui Osório. A direcção da "Partilha" passa agora a integrar o S.N. e é assumida este ano pela Ana Caçorino Dias. O Movimento começa em Évora. Em Outubro 92 reúnem-se em Fátima os secretariados das duas regiões e dos sectores Santarém e Torres Vedras. O 9º Encontro Nacional realiza-se em Fátima em Março 93.

Roma, Agosto 1993 – O 15º Encontro Internacional em Itália é marcado pela visita dos jovens das E.J.N.S. à residência de verão do Papa João Paulo II onde celebrou missa e nos recebeu. Outros acontecimentos importantes foram a presença de representantes da Síria, Índia, Canadá, Irlanda, Cuba e da Coreia (nestes 3 últimos países ainda não há ou já não há equipas a funcionar), e a nomeação do Hervé Carcel para responsável internacional. As E.J.N.S. contam actualmente 4500 membros distribuídos por cerca de 465 equipas, das quais 80 são portuguesas.

Portugal, 1993/94 – Em Outubro 93, em Fátima, houve um retiro nacional para todas as pessoas com cargos de responsabilidade no Movimento. Na Região Sul são agora assistentes a Isabelinha e o Zé Luís Silveira Viana e o Frei Miguel Patinha. A responsável do sector de Torres Vedras é ainda a Margarida Gomes. Na Região Norte o novo Secretariado tem a Maria Cunha Leão como responsável, a Teresa e o

Francisco Souto Castro como casal e o Pe. António Bacelar como conselheiro. À frente da "Partilha" está agora por 2 anos o Francisco Ribeiro.

No mês de Janeiro 94 reúne-se uma nova E.A.N., constituída já não por 2 regiões mas por 6 novos sectores (Trofa, Porto, Coimbra, Santarém, Torres Vedras e Lisboa). O 10º Encontro Nacional é em Fátima no mês de Março 94.

Internacional, 1994/95 – Em Julho 94, em Fátima, realiza-se o Encontro Internacional das equipas de casais, comemorando o Ano Internacional da Família. Nessa ocasião, e no mesmo lugar, reúne-se a E.A.I.. A Béatrice Coing é a nova responsável internacional. As E.J.N.S. em África, já presentes no Zaire, nascem no Senegal e no Togo.

Portugal, 1994/95 – À frente da E.A.N. e do S.N. está agora por 2 anos o Miguel Brito Correia. O Pe. João Valente e a Ana e o Manuel Faria Blanc são os novos assistentes. Nos sectores temos como responsáveis: a Maria Cunha Leão (Porto), o Pedro Silva (Trofa), o António Aguiar (Coimbra), a Miqueta Pombas (Santarém), a Guigui Rodrigues (Torres Vedras) e o Raúl Leitão (Lisboa). Começou uma equipa no Funchal, a primeira na ilha da Madeira, e uma nas Caldas da Rainha. O Duarte Maymone Martins reorganiza os ficheiros introduzindo o programa Access (Windows). O 11º Encontro Nacional realiza-se em Penafirme, em Março 95, e tem 200 participantes.

Bogotá, Julho 1995 – 16º Encontro Internacional pela primeira vez fora da Europa. A participação foi menor do que é costume (200 pessoas) mas o desafio de internacionalidade ao organizar o encontro na Colômbia foi vencido com grande sucesso. No final, tomou-se uma importante decisão: o Secretariado Internacional, desde o início sediado em Paris, vai ser transferido para Lisboa. O responsável internacional é agora o Bruno Duthoit, o casal é a Zita e o Zé Nazareth Barbosa e o conselheiro é o Pe. Jean Duranton.

Portugal, 1995/96 – Este ano, pela segunda vez, as actividades de todos os sectores são programadas na primeira das reuniões trimestrais da E.A.N.. É criado o sector de Santarém Norte, sob a responsabilidade do Pedro Graça. Nos restantes sectores estão como responsáveis o Duarte Freixial Goes e a Ana Augusta Gonçalves (Lisboa), a Dulce Correia (Torres Vedras), a Miqueta Pombas (Santarém), a Margarida Gonçalves (Coimbra), a Maria Cunha Leão (Porto) e o Jorge Lopes (Trofa). O director da "Partilha" é o Diogo Ivo Cruz. O Movimento começa nos Açores e em Faro. Em 1996 as E.J.N.S. comemoram 20 anos. Para celebrar o acontecimento realiza-se em Abril 96 o 12º Encontro Nacional em Fátima, com a duração de 4 dias, e elabora-se o "Documento Nacional". Começam 12 pilotagens no sector de Lisboa.

Lourdes, Julho 1996 – Durante a reunião da E.A.I. é nomeado o primeiro responsável internacional português, o António Aguiar. A Aurora Cristas é a nova responsável nacional de Portugal.

Portugal, 1996/97 – À frente da E.A.N. e do S.N. está neste ano, a Aurora Cristas. O Pe. José Tolentino Mendonça é o novo conselheiro espiritual da E.A.N. e do S.N.. São agora responsáveis de sector o Francisco Ribeiro (Lisboa), o António Moreira (Torres Vedras), o Nuno Sepúlveda (Santarém), o Pedro Graça (Santarém Norte), a Margarida

Pascoal de Carvalho (Coimbra), o Francisco Souto e Castro (Porto) e o Orlando Jorge Lopes (Trofa). O director da "Partilha" é o João Pedro Franco e Silva. 13º Encontro Nacional em Penafirme, em Março. Começa uma pilotagem na Lourinhã.

Ars, Agosto 1997 – No 17.º Encontro Internacional, em França, a Aurora Cristas é nomeada por dois anos responsável internacional do movimento. Seguiu-se a participação de equipistas nas XII Jornadas Mundiais da Juventude, que nesse ano se realizaram nas dioceses francesas e em Paris.

Portugal, 1997/98 – O Francisco Ribeiro é o novo responsável nacional, ao seu lado está agora, como casal assistente da E.A.N. e do S.N., a Olga e o Sérgio Chagas, continuando como conselheiro espiritual o Pe. José Tolentino Mendonça. É criado o sector de Cascais, sob a responsabilidade do Rodrigo Faria de Castro e do Duarte Sousa Lara. Nos restantes sectores são responsáveis: a Judite Cristas e o Diogo Mercês de Mello (Lisboa), a Maria Salgueiro (Santarém), o Luís Sousa (Santarém Norte), o Pedro Jácome Ramos (Porto), o Miguel Castanheira (Coimbra), continuando como responsáveis: o António Moreira (Torres Vedras) e o Orlando Jorge Lopes (Trofa). O Luís Cabral de Sousa é o director da "Partilha" neste e no próximo ano. Realizou-se em Abril o 14º Encontro Nacional em Fátima. Este ano organizou-se pela primeira vez a "Equipa de África", um projecto de carácter sócio-caritativo desenvolvido por um grupo de equipistas que durante um mês de férias esteve em Moçambique.

Fátima, Agosto 1998 – A habitual reunião de verão da E.A.I. foi complementada pela realização de um Congresso das E.J.N.S. que reflectiu sobre a Carta Internacional, dez anos após a sua redacção.

Portugal, 1998/99 – Neste ano acabaram os sectores de Coimbra, Trofa e Torres Vedras apesar do movimento continuar a crescer nos restantes sectores. No final deste ano havia 91 equipas e 32 pilotagens; ligadas ao S.N. existiam as equipas Faro 1, Funchal 1, 2 e 3, Moita 1, 2 e 3, e Ponta Delgada 1. Em Março, o 15.º Encontro Nacional em Fátima, termina com a habitual missa de encerramento, desta vez presidida por D. José Policarpo, na qual o Francisco Ribeiro passa a responsabilidade nacional ao Tiago Chagas.

Feytroun, Agosto 1999 – A realização do 18º Encontro Internacional no Líbano, que teve como tema: "O Pai ama-vos" (Jo 16,27), mostrou a grande vitalidade pela qual o Movimento passa actualmente, a nível internacional; ficando igualmente marcado pela forte ligação entre os equipistas portugueses e os deste país. A Marta Barros e Bastos é a nova responsável internacional. A Rita e o Gastão Cunha Ferreira são o novo casal assistente da E.A.I. e do S.I. e o conselheiro espiritual mantém-se o Pe. Jean Duranton.

Portugal, 1999/2000 – O Tiago Chagas está por dois anos à frente da E.A.N. e do S.N., que conta com os novos assistentes: a Regiani e o Tiago Líbano Monteiro e o Pe. José Manuel Pereira de Almeida. Assumem agora a responsabilidade dos sectores: a Mariana Costa Duarte e o Rodrigo Trocado (Cascais), o Martim Cunha Ferreira e a Ana Leitão (Lisboa) e a Bárbara Costa Duarte (Santarém). Mantêm-se

como responsáveis: o Luís Sousa (Santarém Norte) e o Pedro Jácome Ramos (Porto). Formou-se o sector da Madeira, sendo a Sónia Neves a primeira responsável.

O Hugo Vaz Serra é o novo director da “Partilha”. A tradicional peregrinação a pé a Fátima, em Outubro, contou desta vez, com cerca de 260 equipistas. O 16º Encontro Nacional, no grande Jubileu do ano 2000, realizado em Abril em Fátima, teve como ponto alto o terço rezado em simultâneo com jovens do mundo inteiro e com o Papa João Paulo II.

Em pleno ano Jubilar, em Maio, a peregrinação a pé a Fátima das E.J.N.S. culminou com a Cerimónia da Beatificação dos Pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, por S. Santidade o Papa João Paulo II, presente em Fátima nos dias 12 e 13.

Roma, Agosto 2000 – Peregrinação a Roma por ocasião da 15ª Jornada Mundial da Juventude, sob o tema: “O Verbo fez-se carne e Habitou entre nós” (Jo 1,14). Participaram cerca de 160 equipistas portugueses, tendo sido a Jornada de Roma antecedida de um acolhimento de 5 dias na diocese de “Montecassino”. O ponto alto foi uma vigília nocturna realizada no “campus universitário” de “Tor Vergata”, onde estiveram juntos, em oração com o Papa, cerca de 2 milhões de jovens, provenientes de mais de 160 países.

Portugal, 2000/2001 – O tradicional Encontro Nacional de Responsáveis, realizou-se em Fátima, no mês de Novembro, paralelamente com o Encontro Jubilar das E.N.S. de todo o país, tendo sido efectuadas algumas actividades em comum. É constituída no princípio do ano, uma Equipa, coordenada pelo Martim Cunha Ferreira, para a organização logística do próximo Encontro Internacional, a ter lugar no nosso país em Agosto de 2001. A Leonor Camões assume a responsabilidade do sector de Santarém e o Manuel Brandão passa a ser o novo responsável do sector do Porto. Nos Sectores de Lisboa, Cascais e Santarém Norte, mantêm-se como responsáveis o Martim Cunha Ferreira, a Mariana Costa Duarte e o Luís Sousa, respectivamente.

Évora, Agosto 2001 – O 19º Encontro Internacional realizou-se em Portugal e contou com a participação de 280 equipistas representando os seguintes países Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Itália, Líbano, Moçambique, Portugal e Síria. “Ecce Mater” (“Eis aqui tua mãe” Jo, 19-27) foi o tema do Encontro que ficou marcado pela força e frescura do Canadá e pelo renascer da Espanha. Para Portugal representou o esforço e dedicação de muitos equipistas que tornaram possível este encontro. Tomaram posse como Responsáveis Nacionais Jaciara da Silva Dutra (Brasil) e Mariana Costa Duarte (Portugal). Marta Barros e Bastos passou o testemunho de Responsável Internacional a Maria Noronha e Andrade.

Portugal 2001-2002 – Entrou em actividade uma E.A.N. renovada e um novo S.N.. Como responsáveis de Sector temos: Cecília Reimão em Cascais, Gonçalo Forte Vaz em Lisboa, Lúcio Moniz na Madeira, Francisco Rodrigues no Porto e Nuno Faria em Santarém Norte. Mantém-se Leonor Camões em Santarém, o Pe. José Manuel Pereira de Almeida como Assistente Espiritual, Regiani e Tiago Líbano Monteiro como Casal Assistente e Mariana Costa Duarte como Responsável Nacional. Como responsável da Equipa d’África temos a Ana Pais Ferreira.

O Secretariado Nacional é constituído por: Bernardo Sebastião (Tesouraria), Miguel Caldeira Coelho (Partilha), Filipa Gaspar e Manuel Rosa (Ficheiros), Sofia Reimão (Cadernos), Francisco Aguiar (Encontros), João Magriço (Peregrinações) e Ana Magriço (Expansão).



A 9 de Julho de 2002, em Fátima, os estatutos das EJNS são definitivamente reconhecidos pela Conferência Episcopal Portuguesa.

Toronto, 2001 – Foi no Canadá que se realizaram as 17ª Jornadas Mundiais da Juventude sob o tema: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13-14). Responderam ao apelo do Papa João Paulo II milhares de jovens de todo o mundo. As EJNS estiveram representadas pela sua Responsável Internacional, Maria Noronha Andrade, e por cerca de 100 equipistas de Portugal, Líbano, Canadá, EUA e França.

Portugal 2002-2003 – No Encontro Nacional de Responsáveis toma posse como Assistente Espiritual Nacional o Pe. Arsénio Isidoro (por nomeação da Conferência Episcopal Portuguesa a 10 de Setembro de 2002) e como Casal Assistente Nacional a Ana e o Nuno Teiga Vieira.

Na Equipa d’África deu-se a passagem de testemunho para a Mafalda Frazão e no Secretariado Nacional entraram a Isabel Guedes (Tesouraria) e o Francisco Salvação Barreto (Expansão).

Brasil, Agosto 2003 – Foi no Brasil que teve lugar o XX Encontro Internacional das EJNS. O encontro teve a participação de 8 países: Portugal, Espanha, França, Brasil, Colômbia, Moçambique, Canadá e EUA. O tema do encontro foi “Eis o teu filho” que ficou marcado pelas originais interpretações deste tema com os teatros do Canadá e do Brasil. Portugal contou com uma boa presença de 40 pessoas, mas o país anfitrião esteve representado com cerca de 100 pessoas num total de 200. Com muitos momentos fortes de Adoração ao Santíssimo, missas muito ricas na diversidade, muito samba e pagode as EJNS passaram mais um EI.

Tomaram posse neste EI os Responsáveis Nacionais: Marisa Fonseca (Brasil), François Perrin (França), Agnieszka kuzio (Canadá), Fernando de la Cuadra (Espanha), Ana Faria Blanc (Portugal). A Maria Noronha de Andrade passou o testemunho de Responsável Internacional ao Filipe d’Avillez.

Os EUA, agora já com alguma estrutura, apresentam o seu responsável (Joseph Sousa), Moçambique (Mércia Dabo) e Colômbia (Mabel Granados). Juntamente com o Casal Assistente que se manteve (Rita e Gastão C. Ferreira) e CONSPI (Pe. Zé Manuel) esta era a EAI 2003.

Portugal 2003-2004 – Regressados do Brasil cheios de energia, iniciaram-se os trabalhos e os secretariados nos vários sectores. A EAN reuniu e primeira vez em Setembro com os seus novos membros: Joana Caiado (Lisboa), André Oliveira (Porto), Rodrigo Lacerda (Cascais), Gabriela Nóbrega e Nuno Neves (Madeira), Ana e Nuno Teiga Vieira (Casal Assistente), Pe. Arsénio Isidoro (Assistente Espiritual) e Ana Faria Blanc (Responsável Nacional).

O secretariado nacional é agora formado por: Francisco d’Aguiar (Chefe da Equipa da Partilha), Bernardo Carvalho (expansão) juntamente com o Francisco Salvação Barreto que se mantém a fazer a ligação com Santarém, Maria Ana Noronha (Peregrinações), Joana Tinoco de Faria (Encontros), Constança Palha (Cadernos), José Remédio (Ficheiros) e a Isabel Guedes mantém-se na Tesouraria. Fazem parte da equipa da partilha: Inês Sousa, Ana Van Uden, Catarina Rosa, Pedro Freitas, Duarte Silveira, Bernardo cunha Ferreira e Marta d’Aguiar.

Na equipa de Africa assume a responsabilidade o Duarte Nifo.

Encontros e Peregrinações 2003-2004 – A Peregrinação Outubro 2003 foi um sucesso, as EJNS levaram desta vez a Fátima quase 300 Jovens de todas as idades e

sectores, contámos ainda com um grupo de 10 equipistas Espanhóis que vieram peregrinar connosco.

Pouco depois, em Novembro, o encontro de Responsáveis teve lugar em Penafirme onde o acontecimento mais importante foi o compromisso da única equipa de Évora (EVORA3). “Atentos ao Alto Voltados ao Outro” foi tema deste encontro, marcado por uma vigília de Adoração ao Santíssimo toda a noite e pela necessidade dos jovens estarem voltados para os que mais precisam.

O habitual encontro Nacional no fim-de-semana de 16,17 e 18 de Abril no Verbo Divino deve como tema “Da Intimidade à Missão” e contou com 280 equipistas, muitos que vieram fazer o seu compromisso (9 Lisboa, 2 Santarém, 1 Madeira, 1 Cascais, 2 Porto).

Portugal 2004-2005 – A EAN sofreu algumas mudanças. No encontro de responsáveis o casal Ana e Nuno Teiga Vieira passaram o seu testemunho à Sofia e ao Sebastião Beltrão. A Maria Cunha Ferreira aceita agarrar o sector de Santarém que passa a funcionar outra vez sozinho, integrando a Equipa de Animação Nacional. O tema do encontro foi “Fica Connosco Senhor”.

No Secretariado a Maria d’Avillez entrou para responsável das peregrinações, o Zé Figueiredo para a Tesouraria e a Maria Bourbon para a Expansão.

Actividades 2004-2005 - Em toda a Igreja em 2004 celebrou-se o Ano Santo em Santiago de Compostela, as EJNS, juntamente com toda a Igreja põe-se a caminho de Santiago. A peregrinação contou com 40 jovens que durante 5 dias pelo caminho Português caminharam até Santiago de Compostela. Nesse mesmo ano a peregrinação a Fátima teve um molde diferente, caminhamos apenas uma noite (Alcanena – Fátima).

O encontro Nacional, dias 1, 2 e 3 de Abril, foi muito especial. No dia 2 de Abril morreu o nosso querido Papa João Paulo II. Unidos com toda a Igreja, os 180 equipistas presentes juntam-se em oração. Um encontro marcado pela saudade e pela expectativa sobre o futuro da Igreja com um novo Papa, o segundo para a maioria dos presentes.

As EJNS nasceram em Aveiro juntando-se mais um sector aos já existentes (Madeira, Cascais, Lisboa, Porto, Évora, Santarém, Coimbra, Moita e Caldas da Rainha).

Espanha, Agosto 2005 – Com muito trabalho e dedicação Espanha recebeu o XXI Encontro Internacional das EJNS. Com vista a preparar os jovens para as JMJ’s que se seguiam, o tema do encontro foi “Somos Igreja de Comunhão, Viemos Adorá-Lo”. Depois da ausência no Brasil, este encontro contou com a presença do Líbano e da Síria mas também de um representante do Haiti que deu sinais de que o movimento neste país ainda está vivo com cerca de 90 equipistas. Estiveram também presentes: Portugal, Espanha, França, Brasil, Canadá e EUA..

A REAL recebe agora novos membros: a Ana Faria Blanc passou o testemunho à Maria d’Avillez (Portugal), a Rita e o Gastão Cunha Ferreira já tinham passado na REAL de Janeiro o testemunho ao novo casal Mina e Rui Soares Franco, o Filipe d’Avillez passa o testemunho de Responsável Internacional à Joana Caiado.

JMJ’s Colónia 2005 – Depois do encontro em Sevilha 100 equipistas seguem para Colónia para “Adorar Jesus” e receber o novo Papa, Bento XVI. Pela primeira vez as EJNS participam na organização das JMJ’s com um espaço de divulgação do movimento e das suas actividades. Umhas Jornadas inesquecíveis, marcadas pela união entre os equipistas dos vários países (EUA, Canadá, França, Líbano, Síria, Espanha, Portugal, Brasil) e pela emoção de ver e apoiar o novo Papa.

## CAPÍTULO II

### Os 4 tempos da reunião de equipa

O Movimento baseia-se numa pedagogia de partilha e propõe 4 "utensílios" para ajudar os jovens a partilhar os diversos aspectos da sua vida, os chamados *4 tempos* - a *oração*, a *partilha*, o *estudo e discussão do tema* e o *ponto de esforço*. Em todas as equipas a reunião mensal desenvolve estes 4 tempos, embora a sequência e o tempo de duração de cada um possa variar de equipa para equipa.

Chamam-se tempos, porque para cada um é reservado um "tempo" (cronológico) da reunião. O modo como cada equipa os desenvolve reflecte a diversidade de um Movimento que propõe um esquema geral, mas que dá autonomia às equipas para decidirem como vivê-lo. Sempre presente é o espírito de partilha, ou seja, cada pessoa deve exprimir o que pensa, aquilo em que acredita, o que vive e aquilo que é, recebendo reciprocamente dos outros. No entanto, a equipa não se deve acomodar à simples opinião.

Os 4 tempos não são momentos isolados, mas complementam-se uns aos outros. O modo como recorre a reunião reflecte a evolução da equipa. Genericamente, poder-se-á dizer que no início da equipa o tempo mais importante é o *estudo e a discussão do tema*, uma vez que é aquele em que mais facilmente surge assunto para cada um falar. À medida que o tempo vai passando e as pessoas se vão dando a conhecer, e a querer dar mais de si à equipa, vão crescendo a *oração* e a *partilha*. O *ponto de esforço* é um tempo autónomo da reunião que faz a ligação entre o que se vive na reunião mensal e a vida quotidiana, além de que contribui para a união dos membros da equipa, pois todos se empenham num esforço comum.

O objectivo desta pedagogia em 4 tempos não é mais do que ajudar cada um a conhecer melhor a Cristo, alimentando uma relação pessoal e regular com Ele, mesmo ao longo da vida quotidiana.

#### 2.1. A oração

As E.J.N.S., como Movimento de espiritualidade cristã que são, têm forçosamente e felizmente uma forte componente de *oração*. "A oração é o encontro com Cristo presente junto daqueles que se reúnem em Seu nome. A oração conduz os membros da equipa a um encontro pessoal com Cristo, essencial para O conhecerem melhor, e com Ele e em equipa se tornarem verdadeiros filhos de Deus" (CI, IV-1a).

A oração dá-nos o desejo de comunhão com Cristo. Faz-nos sentir filhos de Deus ao chamá-Lo "Pai" e irmãos dos outros homens ao chamá-Lo "nosso" (Mt 6,9). Faz-nos crescer, não na compreensão intelectual de Deus, mas no desejo de O servirmos e de O deixarmos tocar o nosso coração, a Ele que nos criou.

Este tempo forte da reunião tem dois aspectos complementares: a oração na equipa e a oração pessoal.

### **2.1.1. A oração na equipa**

O Movimento é muito flexível quanto às modalidades de oração na reunião. Constatando que a oração é um desejo natural (embora não seja necessariamente fácil de exprimir) dos cristãos que se reúnem em nome da sua Fé, as E.J.N.S. não têm a pretensão de inventar seja o que for: "A oração em equipa é um esforço de comunhão da equipa e a manifestação da sua união com a Igreja. Tem a sua fonte na meditação da Palavra de Deus." (CI, IV-1a).

O tempo de oração deve situar-se durante a reunião na altura que a equipa achar melhor. Pode ser no início, como introdução à reunião e lembrando que tudo o nela se vai passar se fará sob o olhar de Maria e em presença de Deus; ela permite-nos confiar ao Senhor tudo o que vamos dizer aos outros e avaliar à luz do Evangelho aquilo que vamos receber. Pode ser no final da reunião de um modo mais intenso e profundo, ou somente como acção de graças por tudo o que Deus nos proporcionou durante a reunião; mas atenção que a hora e o cansaço não a suprimam.

No entanto e em geral, cada reunião de equipa inicia-se com um tempo de oração. "É uma oração comum, preparada à vez pelos membros da equipa, em que cada um partilha as suas intenções e todos se dirigem a Deus." (CI, III.1.a.) Toda a oração deve ser precedida por um breve momento de recolhimento em silêncio, para que todos se concentrem e se abram à presença de Deus. O resto fica à imaginação daquele(s) que prepararam o tempo de oração para a reunião desse mês. Poderá incluir:

- um local próprio para rezar, em que o ambiente (luminosidade, silêncio, etc.) convide ao recolhimento;
- um cântico, para marcar o seu carácter comunitário;
- um curto texto para meditar, talvez uma passagem da Bíblia (mas não prolongada pois muitos dispersam) acompanhada, por exemplo, por uma música de fundo;
- um tempo de partilha de intenções, que é a ocasião para cada um dirigir a Deus as suas preocupações ou alegrias e para juntar toda a equipa numa prece comum;
- uma oração por fórmulas (um terço, por exemplo);
- uma oração espontânea de petição ou acção de graças;
- uma oração a Nossa Senhora;
- uma oração relacionada com o tema da reunião.

Algumas equipas têm, por vezes, reuniões só de oração. A oração em equipa contribui para a união da mesma e ajuda a melhorar a oração pessoal.

### **2.1.2. A oração pessoal**

"Levando consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar. Enquanto orava, modificou-se o aspecto do Seu rosto e as vestes tornaram-se-Lhe de uma brancura fulgurante." (Lc 9, 28-29) Tal como Cristo Se transformou pela oração, também ela nos transforma. Essa transformação exige esforço da nossa parte, mas a alegria de estar com Deus é tão grande que vale a pena.

A oração pessoal é indispensável para criar ou estreitar uma relação de amizade e de amor com Deus - pois só estando com Ele é que Ele Se nos dá a conhecer. Para aprendermos a rezar podemos criar um tempo, uma hora certa, no nosso dia para a oração. Podemos escolher uma posição física e um local que convidem à oração: "entra no teu quarto e reza em segredo a teu Pai" (Mt 6, 6-7). Devemos fazer silêncio, para que o Senhor fale (1 Sam 3,10). Uma das formas que Deus tem de nos falar é através de frases (escritas ou ditas) ou acontecimentos (pormenores ou sinais) que, sem razão aparente, nos chamam a atenção. Podemos falar-Lhe do que nos preocupa, daquilo que não sabemos resolver, mas também das nossas alegrias e projectos - o Senhor acolhe a nossa espontaneidade. Podemos até nem fazer nada, numa atitude de adoração e contemplação.

A oração pessoal é única, pois brota de uma relação só nossa, "pessoal", com Deus. Por fim, a oração pessoal tem uma misteriosa capacidade de nos unir àqueles por quem rezamos, e nesse aspecto é um dos sustentáculos "invisíveis" da equipa.

## **2.2. A partilha**

A Carta Internacional apresenta a partilha como "um momento essencial em que, na presença de Deus e numa atitude de confiança fraternal, cada um tenta fazer o balanço dos acontecimentos mais significativos da sua vida pessoal: dificuldades e esforços, alegrias e esperanças em todos os domínios – familiar, espiritual, estudos, trabalho, tempos livres, projectos e compromissos" (CI, IV-1b).

A partilha precisa da atenção exclusiva de cada um e, por isso, não se deve misturar com o reboliço da refeição. Sendo ao mesmo tempo partilha de vida e de evolução espiritual, este tempo deve ser precedido da oração inicial e, portanto, enquadrar-se plenamente na reunião propriamente dita. Se acontece antes ou depois da discussão do tema, isso fica ao critério de cada equipa. Fundamental é que Lhe seja reservado um tempo próprio (30 minutos ou mais) para que cada um possa intervir.

Tal como os outros tempos da reunião, também a partilha deve ser preparada prévia e individualmente, apesar disso todos devem intervir, nem que seja para dizer que "não tenho nada para partilhar este mês". Cada membro deve escutar quem fala mas também pode fazer-Lhe perguntas oportunas, ou dar o seu conselho.

A partilha ensina-nos, em primeiro lugar, a encarar-nos a nós próprios com verdade. É o lugar privilegiado onde podemos ser e aprender a ser nós próprios. Em todas as equipas há uma dificuldade inicial de cada um fazer a partilha de vida, da sua vida. Porém, devido aos laços que unem as pessoas dentro da equipa (um ideal comum, uma Fé idêntica, etc.), a reunião torna-se um momento privilegiado para partilhar assuntos que não se abordam noutras circunstâncias. A partilha é, portanto, algo de íntimo e próprio de cada equipa e deve ser respeitado como tal.

A partilha de vida ensina-nos a descobrir, pouco a pouco, todas as riquezas da nossa religião. Geralmente, temos uma certa bagagem catequética, de ritos, de modos de pensar: chegou o momento de mostrar aquilo em que realmente acreditamos, de mostrarmos que a Fé que recebemos é realmente a nossa.

Ao fazermos uma partilha de vida, e não tanto uma partilha de ideias, descobrimo-nos a nós próprios no que dizemos e no que ouvimos dizer. A nossa intervenção faz

crescer o desejo do outro também partilhar. Da confiança nasce mais confiança e, de repente, num momento em que alguém abre a sua vida completamente, sente-se a profunda união deste grupo de amigos que ainda mal se conhecia, mas que rapidamente aprendeu a trazer para a equipa aqueles problemas e angústias (que todos temos) e que só para si guardavam. O essencial é não ter medo da reacção dos outros, até porque a reacção mais habitual, embora inesperada, é a de uma extrema compaixão - no sentido literal, 'sentir com' - por parte de todos.

### 2.3. O estudo e discussão do tema

Cada reunião desenvolve-se em torno de um *tema*. "O estudo e a discussão de um tema são importantes para conseguir uma Fé adulta e afirmar uma identidade cristã." (CI, IV-1c).

As E.J.N.S. procuram contribuir para a formação doutrinária e moral dos seus membros essencialmente através deste crucial tempo da reunião.

As equipas são convidadas a discutir os temas propostos pelo Movimento, porque estes são pensados e preparados com objectivos catequéticos e porque desta forma se reforça a unidade do Movimento. Estes temas são compostos por um texto de apoio, questões e eventualmente bibliografia para consulta, formando "cadernos de temas" editados anualmente pelo Secretariado Nacional. No entanto, os temas são propostos, e não impostos, pelo que é dada total liberdade de escolha para preparar e discutir outros temas, que correspondam mais às aspirações e à exigência da equipa (encíclicas, uma mensagem do Papa, um tema específico que se queria aprofundar, etc.), desde que buscando neles o sentido religioso e a unidade da equipa.

Fora e antes da reunião cada um prepara o tema. A preparação por todos permite uma discussão muito mais participada, rica e profunda do tema, e evita a superficialidade e os monólogos. Na reunião anterior escolhem-se duas pessoas, o chamado "par animador", que ficam encarregadas de conduzir a discussão do tema, com base na investigação que fizeram e na reunião prévia de preparação do tema que tiveram com o casal assistente e/ou o conselheiro espiritual.

Durante a reunião é bom não alargar demasiado o tempo de discussão do tema, para não prejudicar os outros tempos. Recomenda-se que não se exceda 1h30m, embora o par animador possa dilatar este tempo, caso a discussão esteja a ser muito enriquecedora. Além disso, é preciso não deixar que a conversa se afaste muito do assunto principal, embora se deva insistir na vertente prática e "partilhada" do tema.

Por outro lado, em cada equipa há pessoas mais tímidas e outras mais expansivas. Cabe ao par animador e ao responsável de equipa (e eventualmente ao casal e ao conselheiro) evitar a monopolização do diálogo e estimular a intervenção de todos. O conselheiro terá uma intervenção mais doutrinal, apontando a posição da Igreja acerca de cada assunto; o casal poderá contribuir com a sua experiência e resumir e/ou concluir a discussão.

Uma discussão animada sobre um tema que toque os equipistas pode conduzir a um ponto de esforço concreto, relacionado com o tema. Deste modo, dá-se à discussão uma vertente prática que a complementa.

## 2.4. O ponto de esforço

O *ponto de esforço* pode ser definido como o propósito que, no fim da reunião, cada equipa procura estabelecer, aquela norma de vida que, sozinhos (ponto de esforço individual) e/ou em equipa (ponto de esforço colectivo), todos os elementos se comprometem a tentar cumprir e da qual vão dar testemunho na reunião seguinte.

O ponto de esforço, portanto, deve estar de acordo com o ritmo próprio de cada equipa e com a exigência pessoal de cada um. Por isso, pode ser o mesmo para todos os elementos do grupo ou variar de pessoa para pessoa. Deve ser ambicioso, realista e aplicável - logo reflectido e decidido com tempo. O importante é que nenhuma reunião acabe sem que se tenha decidido qual vai ser o próximo ponto de esforço (CI, III.1.d.)

Quando as reuniões correm especialmente bem, ficamos com a sensação de que, a partir daí, vamos ser completamente diferentes, capazes de mudar o mundo, estar dispostos a levar aos outros o que aprendemos e aquilo em que com tanta Fé acreditamos. O ponto de esforço ajuda-nos, então, a "pôr os pés na terra", a concretizar em pequenos pontos o nosso enorme desejo de mudança - tão grande que corre o risco de diluir-se se esse entusiasmo inicial esmorecer...

Quando, pelo contrário, nos sentimos mais frios e indiferentes, com pouca vontade de batalhar pela nossa santificação e pela dos que vivem à nossa volta, o ponto de esforço é como aquele "alerta" que, no nosso dia-a-dia, nos faz lembrar que somos cristãos, que queremos melhorar, que temos responsabilidades para com uma equipa que conta connosco. É nestes momentos que o propósito feito na reunião se transforma num verdadeiro esforço de aproximação a Deus, que nos parece distante...

Cumprir o ponto de esforço não é apenas uma norma do nosso Movimento. É uma maneira de passar à prática a teoria - boa, mas insuficiente - das nossas reuniões; é a oportunidade sempre renovada de tentarmos ser cada vez mais coerentes com os nossos ideais: tão cristãos na equipa, como fora dela.

Finalmente, a partilha do ponto de esforço é um traço específico das E.J.N.S.. Por um lado, responsabiliza-nos perante um grupo, que só cresce se nós próprios crescermos. Por outro, cria as bases da entreajuda na equipa, torna-nos atentos às dificuldades de cada um e faz-nos ver que é em conjunto que podemos arranjar essa força que, sozinhos, nos parece tão difícil de conseguir.

O ponto de esforço só faz sentido se se tornar uma constante na nossa vida, uma espécie de "teimosia" em cumprir o que nos comprometemos e que, com a ajuda de Deus, nos faz passar de um mero propósito a uma etapa essencial da nossa santificação, a um bom hábito que cresce em exigência e profundidade e que não vamos querer perder.

Algumas equipas são da opinião de que, por vezes, é útil não se passar para um ponto de esforço novo sem que o anterior seja conseguido. Alguns exemplos:

- o oração quotidiana (comum a todos os cristãos);
- tirarem à sorte e cada um rezar nesse mês por uma pessoa determinada;

- rezar pela equipa a uma hora certa todos os dias (por exemplo: o angelus, ou antes de uma refeição, etc.);
- participarem juntos numa actividade (um encontro, uma acção sócio-caritativa, um fim-de-semana em conjunto, irem todos à mesma missa, etc.);
- ir à missa um dia por semana além do Domingo;
- ler as leituras da missa antes de ir à igreja;
- organizar uma reunião extra só de oração;
- estudarem juntos nesse mês;
- confessar-se (pela Páscoa, Natal, etc.)

... e uma boa dose de imaginação e um nível de exigência gradual.



## CAPÍTULO III

### A pilotagem de uma equipa

#### 3.1. O que é uma pilotagem

A pilotagem é um período em que os novos membros fazem a aprendizagem da vida em equipa e das características do Movimento. Durante o tempo de pilotagem, geralmente com duração de um ano, os novos membros são introduzidos ao espírito e modo de vida do Movimento com a ajuda de dois equipistas mais antigos. Estas duas pessoas, chamados "pilotos" ou "par piloto", geralmente um rapaz e uma rapariga da mesma equipa ou de equipas diferentes, começam por orientar a reunião mensal e ao longo do tempo vão deixando que os jovens, o casal e o padre em pilotagem assumam a animação da reunião. Ao fim de um ano o grupo está preparado para assumir o compromisso e tornar-se finalmente uma equipa de jovens de Nossa Senhora.

#### 3.2. O papel dos pilotos

Tal como na vida de um ser humano, os primeiros meses marcam decisivamente a forma como a equipa irá funcionar. É importante definir logo no início os objectivos e forma de actuar da equipa, criar bons hábitos, ser exigente na participação (dentro e fora da equipa) - enfim proporcionar uma base sólida que permita o desenvolvimento equilibrado da equipa. Esta crucial tarefa cabe aos pilotos, com a colaboração dos membros da equipa em pilotagem.

O espírito com que os pilotos devem estar na reunião é o de servir para o crescimento da equipa em pilotagem. Não é necessária uma grande formação ao nível da doutrina, nem uma grande capacidade de expressão (falar em público), o essencial é o testemunho de vida cristã (oração, exigência espiritual, etc.), a presença nas reuniões e demais actividades e a ajuda aos membros da equipa.

Cada membro da equipa em pilotagem é muito influenciado pela acção dos pilotos, tanto nas reuniões como nas actividades do Movimento. Por isso, sugere-se que um dos pilotos já tenha experiência de pilotagem anterior e que o outro piloto ainda não tenha. Estes são alguns dos aspectos importantes que os pilotos devem ter em atenção:

##### a) Presença atenta

- ao exigente cumprimento de cada um dos 4 tempos da reunião mensal;
- à assiduidade de todos os membros da pilotagem às reuniões mensais e às actividades extra-reunião organizadas pela própria equipa;
- à participação activa de cada pilotando na discussão do tema;
- à preparação da reunião por parte do par animador do tema;
- à participação nas actividades do Movimento.

b) Testemunho

- das experiências de Fé vividas pelos pilotos: «O Senhor chama-nos constantemente a sairmos de nós próprios, a partilhar com os outros os bens que temos, começando pelo mais precioso que é a Fé» (João Paulo II - Redemptoris Missio);
- da vida da própria equipa de base e das mudanças que a entrada nas E.J.N.S. operou na vida de cada um dos pilotos;
- da participação em encontros e outras actividades das E.J.N.S..

c) Responsabilidade

- pela função que desempenham na criação de bons hábitos na equipa, motivando todos os membros a participar;
- no crescimento espiritual, na amizade e na ajuda mútua dentro da pilotagem;
- na ligação ao secretariado de sector ou nacional (informando sobre o andamento da equipa, membros que entram ou que saem, pedindo apoio, participando nas reuniões de pilotos, etc.);
- mas, acima de tudo, a responsabilidade de ser piloto deve ser entendida como um serviço à equipa e à Igreja.

d) Empenhamento

- na formação pessoal e no seu próprio crescimento espiritual, imprescindível para a orientação dos novos equipistas;
- no conhecimento mais aprofundado da doutrina da Igreja, ciente do muito caminho que ainda falta percorrer, recorrendo ao assistente espiritual (pessoal, nacional ou de sector);

A pilotagem deve ser um meio do piloto chegar mais próximo de Deus, através de um aprofundamento da Fé, constituindo deste modo, um meio de santificação pessoal do próprio piloto.

### **3.2.1. A dinâmica da reunião de equipa:**

a) Oração

- é essencial que os pilotos introduzam um tempo forte de oração e que sejam eles também um modelo de oração no seu dia-a-dia;
- rezar pela equipa e por cada pilotando em especial; tentar crescer e levar os outros a crescer na oração;
- falar da importância da oração como meio de transformação da nossa vida;
- deve ser preparada por duas pessoas em cada reunião.

Há vários tipos de oração: oração espontânea; oração do pobre; exercícios espirituais; meditação da palavra de Deus; salmos; leitura de encíclicas e de textos doutrinários; silêncio e escuta da vontade de Deus.

b) Estudo e discussão do tema

- primeiro estudam-se e discutem-se os temas de pilotagem (pela ordem do caderno, de preferência);
- todos têm a obrigação de preparar o tema antes da reunião mensal, fazendo também pesquisas e leituras. Todas as dúvidas e questões suscitadas pelo estudo e discussão do tema deverão ser esclarecidas por pessoas competentes, para que os argumentos não se baseiem só no “eu acho”;
- cada tema é animado e orientado por dois elementos (par animador do tema), que tiveram uma reunião prévia de preparação com o casal e com os pilotos;
- deve ser debatido e participado por todos os elementos, incluindo o casal assistente, devendo o par animador estar atento para que na discussão não se fuja ao tema;
- deve ser enriquecido com exemplos práticos do dia-a-dia.

c) Partilha

- fazer a partilha das coisas do dia-a-dia e do crescimento espiritual;
- não corre bem logo ao princípio, mas os pilotos devem eles próprios partilhar e fazer com que cada um fale sempre, dando espaço à espontaneidade de todos;
- deve ser um espaço em que a confiança entre os membros da equipa tem de ser criada e sentida.

d) Ponto de esforço

- é um meio de ligação entre os membros da equipa fora das reuniões;
- deve traduzir-se em acções práticas e realizáveis à partida;
- todos devem dizer como correu e porquê (o ponto de esforço pode ser abordado na altura da partilha, mas não é partilha).

### **3.2.2. Ligação pilotos / casal assistente / conselheiro espiritual**

- Relação estreita de constante comunicação sobre a vida e os problemas da equipa;
- Acção dos pilotos na equipa tem 2 fases: primeiro os pilotos são os elementos liderantes, moderadores das discussões e orientadores da equipa; depois, no momento em que a equipa está mais segura, os pilotos passam a atentos espectadores;
- Os pontos de desacordo entre pilotos, casal e conselheiro devem ser discutidos ou não, conforme o assunto e o contexto em que possam surgir, em frente dos pilotandos;
- Ter especial atenção aos aspectos negativos que podem surgir durante a pilotagem, como por exemplo: grupinhos dentro da própria equipa; desmotivação de alguns membros ou de do grupo; problemas na relação com os pais, os amigos ou os estudos (profissão).

### 3.3. A primeira reunião

Estes são alguns aspectos que podem ajudar os pilotos a orientar a primeira reunião (chamada *reunião de apresentação*) com a nova equipa em pilotagem:

a) Contacto prévio

- o secretariado fornece aos pilotos a lista dos membros da pilotagem para que estes marquem a primeira reunião (local, data e hora);
- os pilotos devem informar o secretariado das alterações a esta lista (nomes, moradas, telefones, datas de nascimento, etc.);
- os pilotos podem marcar uma reunião prévia com o casal e o conselheiro, antes da reunião de apresentação para se conhecerem e para combinarem objectivos para a pilotagem e aspectos práticos.

b) Início da reunião de apresentação

- refeição tomada em conjunto;
- tempo de oração no início da reunião propriamente dita;
- apresentação de cada pessoa presente: nome, estudos ou profissão, actividades que pratica (desportivas, hobbies, etc.), grupo(s) a que pertença ou a que já tenha pertencido (paróquia, catequese, etc.);
- o que cada um procura ao vir para as E.J.N.S.?
- como soube da existência do Movimento? (amigos, pais pertencentes às Equipas de casais, divulgação, etc.).

c) Explicar o que são as E.J.N.S.

- características do Movimento: passagem de uma Fé recebida (dos pais, catequistas, etc.) para uma Fé adulta; devoção a Nossa Senhora; internacionalidade; inserção na Igreja; etc.;
- explicar os 4 tempos de uma reunião;
- explicar o papel dos pilotos, do casal assistente e do conselheiro espiritual;
- as actividades e a estrutura do Movimento regional, nacional e internacional;
- entregar a Carta Internacional e o programa das actividades do ano a cada membro;
- explicar a finalidade das quotas como meio de cada um contribuir para o funcionamento do Movimento.

d) Explicar os objectivos da pilotagem

- crescimento na Fé numa dinâmica de partilha;
- estudo e discussão dos temas de pilotagem (distribuição dos cadernos de temas);
- sublinhar importância da formação extra equipa: reuniões de amizade e participação no Movimento;
- fazer crescer nos pilotandos o sentido e a consciência de pertença à Igreja;
- a importância de cada um apostar sempre mais na exigência espiritual pessoal e na da restante equipa (oração diária, frequência dos Sacramentos, aprofundamento da Palavra de Deus, retiro anual, etc.);

- a eleição do responsável, ou par coordenador, de equipa no final da pilotagem;
- o compromisso.

### **3.4. Abertura ao mundo, compromisso**

O compromisso é o culminar de uma caminhada realizada ao longo do tempo de pilotagem (sensivelmente um ano), que permitiu a todos os elementos da equipa a conhecer a proposta do movimento para seguir a Cristo, tendo sempre Maria como Mãe.

Com o compromisso, unidos em equipa, cada um dos elementos assume essa proposta perante Deus e Nossa Senhora. É um momento de grande alegria no qual todo o Movimento deverá participar.

O compromisso nunca deverá ser encarado como um fim, mas sim, como o querer continuar uma caminhada já iniciada, na qual tudo depende de cada um e de todos em conjunto.

Em termos práticos, após o compromisso, os pilotos que acompanharam a equipa até então, deixam de o fazer. Toda a restante dinâmica de equipa mantém-se.

Assumir o Compromisso nas E.J.N.S.:

- É encontrar-me pessoalmente com Cristo e viver com Ele.
- É uma passagem consciente para a descoberta da minha vocação pessoal.
- É aceitar Maria como mãe e modelo da minha vida.
- É ter a atitude de acolhimento e escuta do outro, na perspectiva de uma ajuda mútua.
- É tentar compreender e viver melhor a minha Fé, consciente da minha pertença a uma comunidade mais vasta que é a Igreja Católica.
- É uma resposta interior a um chamamento que sinto que me é feito por Deus.
- É aceitar a importância de pôr os meus dons à disposição dos outros, comprometendo-me pessoalmente num apostolado.
- É perceber que a vida do Movimento depende da minha participação activa e estar disposto a aceitar as responsabilidades que me forem pedidas.

## CAPÍTULO IV

### A responsabilidade

#### 4.1. Um convite, um serviço

"Ser homem, é precisamente ser responsável." (Antoine de Saint Exupéry)

Esta frase parece, à primeira vista exagerada, mas ela exprime muito profundamente a realidade humana: ao sermos chamados à vida biológica somos imediatamente inseridos numa comunidade onde, mais tarde ou mais cedo, assumimos uma função com *responsabilidade* gradualmente maior. É esta *responsabilidade* que define o nosso grau de maturidade como homens.

Por outro lado, à medida que crescemos na Fé, inseridos novamente numa comunidade (a Igreja) somos convidados a um maior empenhamento e exigência na nossa vida interior por ordem a identificar-nos melhor com Cristo, a sermos verdadeiramente cristãos. Este empenhamento concretiza-se pela resposta ao apelo urgente do Evangelho: "Ide por todo o mundo (...) anunciai a Boa Nova" (Mt 28, 19). À medida que nos confrontamos mais de perto com Cristo, cresce em nós a consciência (a *responsabilidade*) de sermos anunciadores da Sua Palavra.

À luz do Evangelho esta *responsabilidade* apostólica é uma missão e é também um serviço: "Não vim para ser servido mas sim para servir." (Mt 20,28). É um *serviço* na medida em que resulta de um *convite* de Deus a vivermos mais intensamente o Seu Amor através da nossa entrega ao próximo, a quem devemos amar.

Sabemos, por experiência, que, se tudo aceitamos com Fé e Confiança, Deus despertará em nós as qualidades necessárias à responsabilidade que assumimos.

#### O espírito da responsabilidade

Muitas vezes neste nosso mundo, a responsabilidade é sinónimo de domínio ou de poder. Para nós, cristãos, Cristo no lava-pés mostrou-nos uma outra maneira de exercer a nossa responsabilidade: pondo-nos ao serviço dos nossos irmãos. E é mesmo desta responsabilidade que aqui se trata: aquela que exige de nós cada vez mais amor. Nas E.J.N.S. todas as responsabilidades são um serviço.

Por sabermos que é à medida que nos colocamos ao serviço dos outros que enriquecemos a nossa própria experiência, pelo que aprendemos com eles, que "nas E.J.N.S. todas as responsabilidades são asseguradas pelos jovens." (CI, III). Esta responsabilidade é, para muitos jovens, uma novidade na medida em que ela é exercida em nome da Fé e entre pessoas de idades aproximadas.

No caso das Equipas, este convite de Deus para servirmos o nosso próximo (a nossa equipa), é feito através da eleição do chamado *responsável de equipa*, ou *par coordenador*. Esta ajuda passa inevitavelmente por um compromisso de oração mais intenso e mais profundo. Nas E.J.N.S. todas as responsabilidades devem conduzir-nos à oração.

## 4.2. Ser responsável no Movimento

“A Vida do movimento depende da participação activa dos seus membros, individualmente e em equipa, aceitando responsabilidades e participando na sua expansão.” (CI, VI) Esta responsabilidade no Movimento representa um dom de si aos outros, mas também enriquece muito a experiência do próprio responsável porque:

- se integra num grupo que engloba e transcende a sua equipa de base, no qual realiza uma acção concreta, pondo à disposição dos outros os seus dons e talentos;
- percebe uma nova dimensão do Movimento, que são as outras equipas, as outras regiões e os outros países;
- se empenha em conhecer melhor mais membros das E.J.N.S., o que é humanamente bom;
- comprometer-se no Movimento implica crescimento espiritual;
- conhece pessoas que, por aceitarem o mesmo desafio, fizeram um encontro decisivo com Cristo e transbordam felicidade e alegria.

Face ao Movimento há diversos escalões de responsabilidade que correspondem a tarefas diferentes, num mesmo espírito de serviço. De realçar que esta responsabilidade é desempenhada "em equipa", e não só individualmente.

### 4.2.1 Ser responsável de equipa

"O responsável de equipa é um dos membros que, por um ano ou menos, se dispõe a servir a sua equipa e o Movimento." (CI, III-1).

O *responsável de equipa* tem uma missão com um âmbito restrito no Movimento, pois reflecte-se essencialmente na vida da própria equipa, apesar do necessário e constante contacto com o Secretariado. A sua contribuição para a *unidade* e para a *diversidade* do Movimento é significativa; por um lado, ele faz a ligação e transmite informação que contribui para que a sua equipa funcione em sintonia com todas as outras (unidade); por outro lado, transmite as experiências, as ideias e o modo de funcionamento da sua própria equipa, que podem enriquecer a caminhada de outras equipas, incluindo a de secretariado (diversidade).

O responsável de equipa é um membro jovem da equipa - portanto nunca poderá ser nem o casal nem o conselheiro - que é eleito na reunião de balanço que anualmente se faz no mês de Julho. Em princípio cada responsável só é eleito uma vez e por um ano. Acontece, porém, que em alguns casos já todos foram responsáveis, pelo que um membro é eleito pela segunda vez. Pode suceder também que a pessoa eleita não esteja disponível para aceitar o cargo; neste caso cabe à própria equipa decidir o que fazer, desde que seja eleito um responsável para esse ano.

Na sua missão, o responsável deve esforçar-se por incutir nos membros da equipa o espírito de co-responsabilidade no crescimento desta, pois cada equipa melhora na medida em que cada um se empenha nela e na medida em que cada um se dá sem esperar receber. Sempre que possível as decisões são tomadas por todos e o responsável deve esforçar-se por isso.

O responsável de equipa tem três níveis de responsabilidades:

a) Na sua equipa

- estar atento à caminhada da equipa, à motivação e empenhamento dos seus membros, à exigência espiritual de cada um e da equipa;
- ter atenção pessoal a cada membro, dando apoio às pessoas menos motivadas, tentando conhecer particularmente cada elemento e os seus problemas na Fé e ajudando-o;
- saber se o tema e a oração estão a ser preparados pelos respectivos pares animadores desse mês;
- promover a participação activa e a assiduidade à reunião mensal, nomeadamente através de telefonemas e/ou cartas a avisar aspectos relevantes que nela irão decorrer;
- não ser o "chefe", aquele que lidera a reunião, mas estar atento ao desenrolar correcto dos quatro tempos da reunião mensal;
- rezar pela equipa e por todos os seus membros;
- procurar conhecer melhor o casal assistente e o conselheiro espiritual da equipa;
- recolher as quotas e actualizar e enviar ao secretariado a listagem da equipa.

b) No Movimento

Uma equipa de jovens não vive isolada, ela faz parte de um Movimento, o que é tanto uma riqueza como uma responsabilidade. O responsável tem como missão:

- motivar e dinamizar os membros da sua equipa a participar nas actividades organizadas a nível regional, nacional e internacional;
- tomar parte nas reuniões e encontros destinados a responsáveis de equipa;
- dar conhecimento da evolução, do crescimento e dos problemas da equipa ao Movimento através do J de ligação, com quem deve manter contacto permanente;
- transmitir à sua equipa a informação vinda do secretariado;
- transmitir ao secretariado propostas que a sua equipa tenha a fazer, e opiniões que os seus membros tenham acerca da vida do Movimento.

c) No seu próprio crescimento espiritual

- a aceitação da responsabilidade deve ser encarada como um serviço que Deus nos pede e esta missão deve ser desempenhada como sendo o responsável um instrumento do Espírito Santo na evangelização da própria equipa;
- maior empenhamento na Igreja (actividades paroquiais ou diocesanas, acções sócio-caritativas, etc.);
- procura de aprofundamento da Bíblia e de outros textos doutrinais (encíclicas, mensagens, etc.);
- maior assiduidade aos Sacramentos, especialmente a eucaristia e a confissão;
- maior exigência e frequência na oração.

#### **4.2.2. A equipa organizadora**

Uma *equipa organizadora* tem a seu cargo um determinado aspecto ou actividade de um sector, região ou até nacional, como por exemplo: a equipa organizadora de



retiros, a equipa dinamizadora dos primeiros Sábados, a equipa de acção social, o coro, a equipa do jornal "Partilha", entre outras.

Pertencer a uma equipa organizadora, já obriga a um nível de responsabilidade maior, pois as tarefas desempenhadas têm uma acção mais evidente e marcante no Movimento. Estas equipas caracterizam-se por desenvolverem uma actividade muito específica. Os membros destas equipas não são ou não foram, necessariamente, responsáveis de equipa.

#### **4.2.3. A equipa de secretariado**

A *equipa de secretariado* desempenha duas tarefas profundamente inter-ligadas: por um lado desenvolve uma acção prática (ligação às equipas de base, coordenação das equipas organizadoras, preparação e elaboração de temas, envio de correio, tesouraria, organização de actividades, elaboração de documentos, etc.) e por outro lado tem a missão de rezar pelas equipas e pelo Movimento em geral.

Pertencer a uma "*equipa de secretariado*", cujos membros têm tarefas mais exigentes e uma capacidade de decisão maior, acarreta necessariamente bastante disponibilidade, um certo grau de exigência e uma necessária responsabilização pessoal. Na equipa de secretariado cada um tem uma função (um pelouro) mas todos trabalham em conjunto e, sempre que necessário, entre ajudam-se.

#### **4.2.4. O responsável de secretariado**

Ser o *responsável de secretariado* (de sector, região, nacional ou internacional) é estar mais atento aos equipistas e às suas equipas e coordenar a equipa de secretariado para que esta os possa ajudar a encontrar Cristo. O responsável é um servidor no sentido evangélico do termo. Daí que toda a missão do responsável deva brotar da oração.

A acção do responsável de secretariado é aquela que mais se reflecte na vida das E.J.N.S., pois nele se deposita a animação (dar alma) do Movimento, no seu território. Por isso, deve o responsável de secretariado ter consciência do exemplo que dá, seja como equipista ou na sua vida pessoal.

Dando pleno cumprimento ao carisma das E.J.N.S., o responsável é acompanhado por um padre e um casal assistentes e um conjunto de jovens (o secretariado), que colaboram no desempenho das suas tarefas. O responsável deve puxar pelos outros membros do secretariado, aproveitando os talentos de cada um, para desenvolver um bom trabalho de equipa.

O responsável de secretariado é o garante da união entre as equipas que lhe estão confiadas. A sucessão periódica (anual ou bienal) é a garantia da continuidade do Movimento.

## CAPÍTULO V

### O acompanhamento de uma equipa de jovens

Tanto os jovens como o conselheiro espiritual e o casal assistente são membros da equipa, mas têm nela funções diferentes a desempenhar.

O conselheiro e o casal estão na equipa para ajudar os jovens a fazer a passagem de uma Fé, tantas vezes, pouco esclarecida e com dúvidas para uma Fé adulta, mais empenhada e séria - enfim uma Fé que brote do coração, que brote de um encontro pessoal com Cristo. As E.J.N.S. propõem uma *pedagogia de partilha*, baseada nos 4 tempos da reunião mensal e na participação nas actividades do Movimento e da Igreja como forma de proporcionar este encontro pessoal com Cristo. Contam também com a colaboração preciosa e desejada do conselheiro e do casal para acompanharem os jovens nesta caminhada.

O conselheiro e o casal são um elemento de estabilidade e de continuidade para a equipa. O seu serviço é eficaz e fecundo na medida em que estiver enraizado na oração e na vida sacramental.

O conselheiro e o casal devem procurar estar disponíveis para os jovens, tanto durante a reunião mensal como fora dela (reuniões informais com todos e cada um podem ajudar a conhecê-los melhor). É essencial que se esforce por conhecer pessoalmente todos e por escutá-los, embora seja fundamental também aconselhar e dar o testemunho de vida, contribuindo para o aprofundamento espiritual dos jovens e ajudando-os nos seus problemas e aspirações. A sua acção deve ser pautada pelo bom senso, adaptando-se à maturidade e à exigência da equipa e evitando paternalismos e atitudes moralizadoras.

Os jovens esperam do conselheiro e do casal, acima de tudo, a fidelidade ao seu estado próprio (sacerdócio e matrimónio) como sinal de que Deus está realmente presente no meio dos homens.

#### I – Na vida de equipa

##### a) Oração

O conselheiro e o casal são a imagem viva de pessoas que, apesar das suas muitas ocupações familiares e profissionais, se esforçam por encontrar tempo para rezar. Na equipa devem contribuir para um ambiente favorável à oração, incentivando os jovens a prepará-la em cada reunião mensal e também a cultivá-la no dia-a-dia. Rezar pela equipa é também uma importante tarefa.

##### b) Partilha

Os jovens apreciam muito aquilo que o conselheiro e o casal têm para contar. Apesar disso, estes devem ser concisos na sua partilha, pois neste momento é essencial que os jovens falem, se integrem no grupo, expressem aquilo que tantas vezes não contam a mais ninguém, partilhem a sua evolução espiritual. Proporcionar à equipa um

ambiente familiar e de confiança é tarefa também do conselheiro e do casal, que devem pôr-se ao mesmo nível dos jovens evitando que estes se sintam envergonhados de contar as suas experiências.

c) Estudo e discussão do tema

Tanto o conselheiro como o casal têm uma experiência pessoal, um conhecimento adquirido e uma maturidade que podem ajudar a equipa a progredir. Devem colaborar com o par animador do tema a encontrar textos e pistas de reflexão que permitam uma discussão mais profunda e rica do tema durante a reunião mensal. A sua intervenção concisa, clara e oportuna deve gerar positivamente o debate, mas o conselheiro e o casal não devem monopolizar a discussão, por forma a deixar tempo para que os jovens participem.

d) Ponto de esforço

A equipa, tal como progride noutros aspectos, também deve progredir na exigência da escolha e cumprimento de pontos de esforço. Acompanhar a equipa significa empenhar-se também em cumprir o ponto de esforço, para que os jovens, vendo o conselheiro e o casal, se sintam motivados. O ponto de esforço é uma forma que os membros da equipa encontram para fortalecer o espírito de amizade e para tornarem mais sério, num esforço concreto, o seu compromisso cristão; o conselheiro e o casal, enquanto testemunhas de um compromisso duradouro de vida cristã, devem reflectir esse compromisso também neste esforço concreto.

## 5.1. O papel do conselheiro espiritual

"O conselheiro espiritual é para a equipa um testemunho de vida consagrada. A sua presença lembra aos equipistas a presença de Cristo ressuscitado, bem como a sua pertença à Igreja. Ele acompanha a equipa no seu caminho espiritual. Ele leva a equipa a abordar os assuntos numa perspectiva mais espiritual e teológica. O conselheiro espiritual ajuda cada equipista a aprofundar a sua fé e o seu conhecimento de Deus."(CI III.2.).

Geralmente nas equipas o conselheiro espiritual é um padre, mas pode não ser assim. "No caso de não haver padre, o acompanhamento espiritual da equipa pode ser um religioso (irmão frade), uma religiosa (irmã freira), um seminarista em final de formação ou um leigo formado, mas ele/ela deve manter o contacto com o padre do secretariado ou da equipa de animação." (CI III.2.).

Sendo padre, o conselheiro cumpre a sua função sacerdotal (Mt 16,18; Jo 15,4) representando Cristo presente, como cabeça do Seu corpo místico, nesta "célula viva da Igreja" (CI I.1.) que é a equipa.

### 5.1.1. O que a equipa espera do conselheiro espiritual

- Participação activa e atenta, sempre que possível, na reunião mensal, enriquecendo o conteúdo e explicando melhor o sentido dos 4 tempos. Por vezes, a sua ausência pontual também pode ser uma ocasião para uma reunião mais informal;
- Ajuda aos jovens que preparam a *oração* na reunião, fornecendo pistas, textos e referências bíblicas;
- Ajuda ao par animador do tema na reunião prévia de preparação da reunião mensal;
- No momento de *partilha* pode fazer referência a situações de que os jovens estejam a falar e que os santos também viveram. Quando surgir a ocasião deve falar-lhes sobre a sua vocação e sobre a sua caminhada de Fé;
- No *estudo e discussão do tema* o conselheiro apresenta a posição da Igreja e aborda os temas e os assuntos quotidianos sob uma perspectiva espiritual, dada a sua competência teológica. Não é o animador da discussão, nem o conferencista, nem o juiz das afirmações feitas pelos jovens, mas deve esclarecer as dúvidas;
- O conselheiro pode ajudar a equipa a encontrar *pontos de esforço* variados e sucessivamente mais exigentes;
- A missão do conselheiro é complementar à do responsável de equipa, na medida em que um aconselha e guia segundo o Espírito (Ro 8,9) e o outro actua junto à equipa;
- Apoio à equipa através da sua oração.

### 5.1.2. O que o Movimento espera do conselheiro espiritual

- Exemplo de compromisso como consagrado na Igreja;
- Estar atento ao desenvolvimento do sentido de partilha, de entreatajuda, de apostolado feito pelos jovens nos locais onde vivem e trabalham;
- Convidar os jovens a viver os Sacramentos;
- Acompanhar os responsáveis (de equipa e de secretariado) na sua missão, orientando-os e ajudando-os a cumprir cada tarefa à luz do Evangelho;
- Conhecimento das características, finalidades e modo de funcionar de uma equipa de jovens, nomeadamente do conteúdo da Carta Internacional;
- Participação activa, sempre que possível ou solicitado, na vida do Movimento (encontros, retiros, conferências, peregrinações).

### 5.1.3. O que o conselheiro espera da equipa

- Ao celebrar ocasionalmente ou periodicamente a missa em equipa e ao convidar os jovens a participar nas missas que celebre regularmente, sente-se confirmado no seu próprio ministério sacerdotal;
- Uma actividade pastoral de juventude, como é a equipa, ajuda o conselheiro a ter mais uma perspectiva sobre o modo como os jovens querem viver o mistério de Cristo e segui-Lo.

## 5.2. O papel do casal assistente

Na origem do nosso Movimento estão as Equipas de Nossa Senhora (E.N.S.), um Movimento de casais católicos com uma dinâmica e uma espiritualidade que inspirou as das E.J.N.S.. Inicialmente os casais limitavam-se a dar apoio a equipas de jovens acompanhadas por um conselheiro espiritual, tal como nas E.N.S., mas cedo se constatou que os jovens desejavam também a presença de um casal na sua equipa. A esse casal, pertencente normalmente às E.N.S., chamaram *casal assistente*.

O casal assistente é membro da equipa enquanto tal, ou seja, os dois fazem parte da equipa enquanto marido e mulher, e caminham na Fé com os jovens. "O casal dá testemunho da sua vida espiritual, ligada às graças recebidas pelo Sacramento do matrimónio. Oferece à equipa a experiência de um enriquecimento mútuo na oração e de um compromisso de leigos no mundo. Pela sua confiança e doação recíproca, o casal é sinal da fidelidade construída em Cristo." (CI III.3.).

Para os jovens o diálogo com o casal reveste-se de uma novidade, pois o contacto com a geração dos seus pais, que até então fora marcadamente distante, torna-se agora agradavelmente próximo. O facto de os jovens tratarem o casal pelos nomes próprios traduz um nível de confiança que estes raramente encontram, na idade em que estão, em pessoas adultas. Desta confiança nasce frequentemente uma amizade sólida entre os jovens e o casal, pois os anos que passam juntos são decisivos.

### 5.2.1. O que a equipa espera do casal assistente

- A alegria do amor humano vivido à imagem do amor divino;
- Exigência recíproca jovens-casal, pois sem exigência a equipa não caminha na Fé;
- É essencial a atitude de saber ouvir, saber aprender e saber respeitar os ritmos de cada jovem e da equipa no seu conjunto;
- A equipa espera que o casal assistente partilhe o quotidiano de um casal cristão, mesmo aspectos que pareceriam banais quando falados na equipa de casais;
- Os jovens são mais exigentes com o casal do que com os outros membros da equipa, pois esperam dele uma maior fidelidade ao seu compromisso cristão e um mais sério interesse na equipa. Além disso, por serem adultos, estão inconscientemente em destaque, pelo que devem dar o exemplo (perdão, aceitação de críticas, compreensão, disponibilidade);
- O casal deve ter a casa aberta 24 horas por dia para que os jovens se sintam acolhidos e encontrem um lugar onde partilhar as suas alegrias e preocupações;
- Apoio ao responsável de equipa no cumprimento dos 4 tempos da reunião, para que nenhum dos momentos seja descurado por má gestão do tempo (quando se prolonga demasiado a refeição, o convívio ou um dos 4 tempos) ou por falta de preparação prévia (que tem como consequência a abordagem superficial do tema, uma oração pouco aprofundada, etc.);
- Ajuda ao par animador do tema na reunião prévia de preparação da reunião mensal.

### **5.2.2. O que o Movimento espera do casal assistente**

- Exemplo de compromisso como leigos na Igreja, pelo testemunho do Sacramento do matrimónio e de uma vida espiritual vivida e partilhada a dois;
- O casal deve empenhar-se fortemente na sua equipa de casais e nos meios de crescimento espiritual propostos pelas E.N.S., assim como aprofundar os seus conhecimentos doutrinários e teológicos;
- O casal deve dar testemunho de amor e fidelidade, de um verdadeiro espírito de família e de segurança e constância no seu amor;
- É no seio do Movimento que os casais exercem a sua missão junto da equipa de jovens. A inserção da equipa no Movimento, estimulando a participação activa dos jovens, a atenção ao funcionamento interno da equipa (preparação, assiduidade e participação activa nas reuniões, aprofundamento exigente dos 4 tempos, acompanhamento dos jovens menos integrados na equipa, etc.) e atenção às questões externas (quotas, apoio ao responsável de equipa, reuniões de casais assistentes) são tarefas que o casal deve ter em conta;
- Conhecimento das características, finalidades e modo de funcionar de uma equipa de jovens, nomeadamente do conteúdo da Carta Internacional;
- Disponibilidade para aceitar responsabilidades, seja em tarefas pontuais (testemunhos, intervenções em encontros, divulgação das E.J.N.S.) ou mais duradouras (secretariados, mini-grupos de casais assistentes, etc.);
- O casal não deve virar os jovens contra os pais, nem dar razão em absoluto, deve sim fazer a ponte e ajudá-los a compreender os pais.

### **5.2.3. O que o casal espera da equipa**

- Aprender com os jovens uma maneira "rejuvenescida" de ver a vida, recebendo a alegria e o entusiasmo próprios da juventude;
- Compreender as situações pelas quais os seus filhos, à semelhança dos jovens da equipa, passam ou vão passar, o que pode ser uma maneira de ajudar os próprios filhos e de melhorar o relacionamento com eles;
- O testemunho do contacto do conselheiro, enquanto representante de Cristo e da Igreja, com os jovens;
- Um amor maior à Igreja, que a equipa ajuda a alicerçar;
- O empenhamento dos dois, marido e mulher, num projecto comum à luz do Evangelho contribui para a união do casal;
- Crescimento espiritual resultante do estudo do tema, da oração e da participação na vida da equipa e também na vida do Movimento;
- O casal é a prova viva de que o compromisso feito se vive todos os dias, na alegria, na felicidade, na ajuda mútua, assim como nas dificuldades, nos problemas e na dor - e isso é motivo de saudável orgulho para o casal.

## CAPÍTULO VI

### A animação das E.J.N.S.

"A vida do Movimento depende da participação activa dos seus membros, individualmente e em equipa, aceitando responsabilidades e participando na sua expansão." (CI, IV.) A continuidade das E.J.N.S. é assegurada pela renovação anual ou bienal dos seus responsáveis. Sendo um Movimento caracterizado por uma *espiritualidade de passagem*, ele reflecte essa passagem também na transição de responsabilidade. É na medida em que mais jovens assumem responsabilidades que eles se integram no Movimento que é seu.

A estrutura que foi sendo criada traduz uma realidade equipista progressivamente melhor definida por ordem ao serviço de todos, segundo o modo próprio. Cada "instância do Movimento", a seguir apresentada, caracteriza-se pela semelhança com a equipa de base, ou seja, as equipas de animação e os secretariados são *equipas* como as outras (reúnem-se periodicamente, rezam em conjunto, partilham a sua vida, são acompanhadas por um conselheiro espiritual e por um casal assistente), mas também têm uma missão específica (surgiram para fazer a ligação entre equipas, entre regiões ou entre países, para programarem e organizarem actividades, para assegurarem tarefas burocráticas indispensáveis, para formarem novas equipas, etc.).

Basicamente a diferença entre uma Equipa de Animação e um Secretariado é que, enquanto a primeira é a instância de decisão do Movimento, a segunda tem uma função mais executiva. Os secretariados têm como missão servir a Equipa de Animação respectiva, sejam eles de sector e nacional ou internacional. Em ambos, o padre tem como missão a ligação à hierarquia da Igreja e o contacto com os conselheiros espirituais das equipas, enquanto que o casal coordena os casais assistentes e mantém o contacto com as Equipas de Nossa Senhora.

É importante realçar que fazer parte de uma Equipa de Animação ou de um Secretariado é, acima de tudo, um serviço feito à Igreja, sob o olhar de Nossa Senhora. Não se resume a uma tarefa meramente prática, mas quer-se uma experiência de encontro com Cristo - o que transforma a motivação com que nos colocamos ao serviço do Movimento. Por isso também, a presença indispensável e constante da oração.

Sugere-se a leitura prévia do ponto 4.2. deste Documento Nacional.

## 6.1. A estrutura do Movimento

**Coordenação Internacional** Responsável internacional, casal assistente e conselheiro espiritual do S.I. e da E.A.I.

### **Equipa de Animação Internacional (E.A.I.)**

- responsáveis nacionais de cada país
- órgão de decisão do Movimento internacional

### **Secretariado Internacional (S.I.)**

- ligação aos países e expansão das E.J.N.S.
- organização das reuniões da E.A.I.
- organização dos encontros internacionais
- tesouraria

**Coordenação Nacional** Responsável nacional, casal assistente e conselheiro espiritual do S.N. e da E.A.N.

### **Equipa de Animação Nacional (E.A.N.)**

- responsáveis de cada sector / região
- órgão de decisão do Movimento nacional

### **Secretariado Nacional (S.N.)**

- organização de encontros a nível nacional
- organização das peregrinações a pé a Fátima
- jornal "Partilha"
- cadernos de temas, do Advento e Quaresma
- expansão para novas regiões
- ficheiros
- tesouraria
- promover e proporcionar a participação em actividades internacionais

**Coordenação Regional** Responsável de sector, casal assistente e conselheiro espiritual do secretariado

### **Secretariado de Sector**

- ligação às equipas
- organização de encontros a nível regional
- formação de pilotagens
- retiros, missas 1º Sábados, orações
- acções sócio-caritativas
- tesouraria

### **Equipa de base**

- padre (conselheiro espiritual)
- casal assistente
- 6 a 12 equipistas, dos quais o responsável



## 6.2. A Equipa de Animação Internacional

### a) Definição

A Equipa de Animação Internacional (E.A.I.) é composta por todos os responsáveis nacionais de cada país, pelo responsável internacional e por um padre e um casal assistentes. Foi a E.A.I. que, reunida em Lourdes em 1988, redigiu a Carta Internacional das E.J.N.S..

A E.A.I. reúne-se duas vezes por ano, geralmente em locais ou países diferentes. A reunião de Inverno realiza-se habitualmente num fim-de-semana de Fevereiro e nela participam, em geral, somente os responsáveis dos países europeus. Pelo contrário, à reunião de Verão, que dura uma semana em Julho, comparecem os responsáveis nacionais do mundo inteiro, pois é nesta ocasião que se tomam as decisões mais importantes respeitantes à vida do Movimento internacional.

### b) Tarefas

Cabe a esta equipa:

- zelar pela fidelidade ao espírito do Movimento;
- partilhar o modo de funcionamento e as actividades das equipas de cada país;
- tomar as decisões que dizem respeito à espiritualidade e à vida do Movimento internacional, incluindo documentos gerais;
- escolher o tema, o local e o país que acolhe o próximo Encontro Internacional;
- preparar o alargamento das E.J.N.S. a novos países.

## 6.3. O Secretariado Internacional

### a) Definição

Inicialmente a Equipa de Animação Nacional francesa fazia a ligação internacional, mas a partir de certa altura o trabalho era demasiado e foi necessário formar a primeira equipa de Secretariado Internacional (S.I.). Na sequência do Encontro Internacional 85 o S.I. ficou sediado em Paris (França). Depois do Encontro Internacional 95 a sua sede passou para Lisboa (Portugal).

O S.I. é uma equipa constituída pelo responsável internacional, pelo padre e casal assistentes da E.A.I. e por uma série de jovens equipistas. Esta equipa deve ser constituída, tanto quanto possível, por membros dos diversos países onde o Movimento está implantado. Uma missão fundamental do S.I. é rezar pelo Movimento internacional.

O S.I. reúne-se mensalmente, em geral durante um dia inteiro, ao longo do qual se faz a volta aos países e se preparam as próximas tarefas. As distâncias geográficas, as diferenças de sensibilidades e modos de viver as E.J.N.S., e as dificuldades e o custo dos contactos com os diversos países são as maiores contrariedades com que o S.I. tem que se debater. De dois em dois anos muda o responsável internacional e com ele parte ou a totalidade da equipa.

b) Tarefas

O S.I. tem por missão:

- manter a ligação com os diversos países (contactando regularmente com o respectivo responsável nacional por correio, telefone, fax e-mail, etc.);
- apoiar de forma especial aqueles países que tiverem maior necessidade;
- administrar as quotas pagas pelos países (que servem para cobrir despesas de comunicação, contribuem para pagar parte das viagens de representantes de países mais distantes, etc.);
- fomentar o desenvolvimento do Movimento em novos países, nomeadamente com a ajuda das Equipas de Nossa Senhora;
- manter o contacto com o Vaticano, através do Conselho Pontifical para os Leigos e outras instâncias;
- representar as E.J.N.S. nas Jornadas Mundiais da Juventude;
- organizar as reuniões semestrais da E.A.I.;
- elaborar os documentos e preparar as decisões a serem tomadas pela E.A.I.;
- programar e organizar o Encontro Internacional, que se realiza bianualmente.

#### **6.4. A Equipa de Animação Nacional**

a) Definição

Semelhante à E.A.I. nas funções e na composição, embora constituída somente por pessoas do mesmo país, a Equipa de Animação Nacional (E.A.N.) é formada pelo responsável nacional, por um padre e um casal assistentes, e pelos responsáveis das regiões ou sectores em que o país está dividido. Esta equipa é o órgão de decisão do Movimento a nível nacional.

A E.A.N. garante a ligação e o trabalho em comum dos vários sectores e regiões, na medida em que se reúne trimestralmente. Geralmente a reunião dura um dia, mas uma vez por ano uma das reuniões ocupa um fim-de-semana, o que permite mais tempo de partilha entre os diversos responsáveis. Em princípio a E.A.N. reúne-se rotativamente num sector de cada vez.

b) Tarefas

À E.A.N. compete-lhe:

- garantir a manutenção da unidade e do espírito do Movimento;
- sugerir e aprovar as linhas gerais de actuação do Movimento a nível nacional, bem como os meios para as concretizar;
- pôr em comum as experiências, actividades e necessidades dos vários sectores ou regiões;
- programar em conjunto as actividades do ano, tanto a nível nacional como ao nível de cada sector ou região;
- preparar os encontros e actividades a nível nacional;
- deliberar sobre a criação e extinção de um sector ou de uma região;
- definir e avaliar meios para a expansão do Movimento;
- cumprir e fazer cumprir os estatutos das E.J.N.S.;

- fixar anualmente o montante das quotas;
- estudar as propostas a apresentar pelo país na próxima reunião da E.A.I..

## **6.5. O Secretariado Nacional**

### a) Definição

Constituído pelo responsável nacional, por um conjunto de jovens e pelo padre e casal assistentes da E.A.N., o Secretariado Nacional (S.N.) é o órgão ao qual compete a execução das deliberações da E.A.N., a administração e a representação das E.J.N.S. a nível nacional. Tem uma função primordial que é rezar pelo Movimento nacional.

Esta equipa deve ser constituída, na medida do possível, por pessoas vindas dos vários sectores e regiões. O responsável nacional muda de dois em dois anos e com ele parte ou a totalidade do secretariado.

### b) Tarefas

O S.N. reúne-se pelo menos uma vez por mês e compete-lhe:

- fornecer meios de aprofundamento espiritual, nomeadamente editar e enviar o jornal do Movimento, os cadernos de temas, cadernos de preparação do Advento e Quaresma, entre outros;
- formar equipas fora do território dos sectores ou das regiões e acompanhá-las;
- preparar as reuniões da E.A.N. e executar as suas deliberações;
- actualizar os ficheiros dos membros das E.J.N.S.;
- administrar as quotas, recolhidas pelos secretariados de sector, e subsídios diversos;
- organizar os encontros e actividades a nível nacional;
- manter a ligação às estruturas da Igreja a nível nacional, nomeadamente a Conferência Episcopal Portuguesa;
- manter o contacto com as entidades oficiais, em especial o Instituto Português da Juventude.

## **6.6. O Secretariado de Sector**

### a) Definição

Cada sector tem uma equipa de secretariado do qual fazem parte o responsável de sector, um conjunto de jovens, um padre e um casal assistentes do sector. A equipa reúne-se pelo menos uma vez por mês para desenvolver tarefas e também para rezar pelas equipas que lhe estão confiadas.

### b) Tarefas

Ao Secretariado de Sector compete, no âmbito do respectivo território:

- garantir a manutenção do espírito do Movimento;
- promover tempos de aprofundamento espiritual, como encontros, retiros, orações comunitárias, missas de primeiros Sábados, cursos de formação, conferências, etc.;
- garantir a ligação entre as equipas (através dos J's de ligação, reuniões de responsáveis de equipa, etc.);
- formar novas equipas (pilotagens) e acompanhá-las;
- promover acções sócio-caritativas;
- manter a ligação com as estruturas da Igreja local, nomeadamente a Diocese;
- representar as E.J.N.S.;
- recolher as quotas dos membros das equipas e obter subsídios diversos.

## CAPÍTULO VII

### **As actividades das E.J.N.S.**

O primeiro contacto que temos com as Equipas é na reunião de informação. Aí aprendemos as características de uma equipa, apercebemo-nos da dimensão do Movimento enquanto conjunto de equipas, e percebemos se este é o caminho que queremos para aprofundar a Fé.

Uma vez iniciado o período de pilotagem, os membros da equipa são desafiados a aproveitar as actividades do Movimento abertas à participação de todos os equipistas. As várias actividades diferenciam-se pela participação de equipistas vindos da mesma região, do mesmo país ou de vários países.

A participação nas actividades do Movimento reveste-se de uma complementaridade essencial à vivência plena das E.J.N.S., pois a nossa equipa não esgota todas as possibilidades de encontro com Cristo, com os outros e connosco mesmos que a passagem por este Movimento nos pode proporcionar. Além disso, porque participámos e porque gostámos de o fazer, sentimo-nos mais entusiasmados em melhorar a equipa e em melhorarmo-nos também.

#### **7.1. A reunião de informação**

O esquema-tipo que em seguida se apresenta pode ser usado em reuniões de informação com muita gente (30 pessoas ou mais) ou com pouca gente.

No primeiro caso, podem-se cumprir os 3 momentos, pois o conjunto das pessoas presentes é divisível em pequenos grupos para a reunião (momento B). O tempo de duração é de cerca de 1 a 2 horas, dependendo do tempo de reunião em pequenos grupo.

No segundo caso, o critério deve ficar à escolha da(s) pessoa(s) que orienta a reunião de informação, pois a circunstância determina o modo e o tempo que deve decorrer a informação. Geralmente uma reunião de informação para um grupo pequeno não demora mais de 30 minutos.

### ***ESQUEMA TIPO***

#### **A - 1º Momento (todos juntos)**

##### **1. Oração inicial**

- pode ser: um Pai-Nosso, uma Avé-Maria e um Glória; uma leitura do Evangelho; uma oração espontânea; uma oração preparada; etc.

## 2. Apresentação de todos os participantes

- os membros do secretariado organizador;
- os jovens, casais e padres presentes interessados.

## 3. Objectivos das E.J.N.S.

- responder ao apelo de Cristo "Vem e segue-me...";
- aprofundamento espiritual pessoal (espiritualidade de passagem) numa dinâmica de partilha em pequeno grupo familiar (equipa);
- inserção dos jovens num grupo de Igreja;
- amizade e entreajuda no seio da própria equipa;
- descoberta do projecto de vida de cada um.

## 4. O Movimento das E.J.N.S.

### 4.1. A equipa

- 6 a 12 jovens, acompanhados por um casal assistente e um conselheiro espiritual, que se reúnem uma vez por mês;
- os 4 tempos da reunião de equipa;
- o primeiro ano em pilotagem.

### 4.2. O Movimento a nível regional

- os sectores e respectivos secretariados;
- as actividades (encontros, devoção dos primeiros Sábados, noites de oração, acções sócio-caritativas, retiros, peregrinações, etc.).

### 4.3. O Movimento a nível nacional (quantos somos: ...)

- a Equipa de Animação Nacional e o Secretariado Nacional;
- o Encontro Nacional.

### 4.4. O Movimento internacional

- 4500 membros em 15 países (Bélgica, Brasil, Canadá, Colômbia, Espanha, França, Haiti, Índia, Itália, Líbano, Portugal, Senegal, Síria, Suíça, Zaire);
- a Equipa de Animação Internacional e o Secretariado Internacional;
- o Encontro Internacional

## **B - 2º Momento (reuniões em pequenos grupos)**

## 5. Uma reunião de equipa

- dividir os participantes em grupos de 6 a 12 orientados por um equipista do Secretariado para fazer uma "experiência" de reunião de equipa com os

tempos explicados - a oração, a discussão do tema (eventualmente um texto de apoio e perguntas), a partilha e o ponto de esforço.

### **C - 3º Momento (todos juntos novamente)**

#### **6. Plenário**

- perguntas e respostas sobre a reunião de equipa e sobre a apresentação inicial;
- distribuição de folhetos de divulgação, programa das actividades do ano, etc.;
- recolha de nomes, moradas, telefones, datas de nascimento dos jovens, casais e padres interessados em entrar para as E.J.N.S..

#### **7. Oração final**

- pode ser a oração das E.J.N.S. (Líbano, 15.8.92).

### **7.2. Os encontros e actividades a nível regional**

Geralmente as actividades são promovidas e organizadas pelo secretariado por uma questão de coordenação. O ideal é que sejam as próprias equipas de base a propor e a organizar actividades, assegurando, assim, um empenhamento de todos na concretização de um objectivo comum. Uma boa solução para a participação é o secretariado reunir ideias das equipas de base, programar as actividades e distribuir tarefas por cada uma das equipas.

Em seguida apresentam-se algumas das actividades que vêm sendo propostas. Além destas, ainda há outras iniciativas (crisma, participação nas actividades da pastoral universitária ou juvenil, reuniões de responsáveis de equipa, etc.) e muitas mais poderá haver se os secretariados e as equipas puxarem pela imaginação.

O importante é que a actividade fortaleça o espírito do Movimento, a união entre as equipas, a amizade entre os equipistas e proporcione a todos um encontro com Cristo.

#### **7.2.1. Os Encontros de Início e Fim de Ano**

Cada sector ou região organiza *no início e no fim de cada ano lectivo* um *encontro*, que pode ser mais ou menos festivo (jogos, música, comidas e bebidas), mais ou menos formativo (conferência), mais ou menos espiritual (missa) - o importante é juntar os equipistas e motivá-los a empenharem-se no novo ano que começa ou a dar graças a Deus por tudo o que receberam no ano que acaba.

### **7.2.2. Os Retiros**

Na nossa vida agitada muitas vezes não há lugar para o Senhor. Não paramos para rezar, não paramos para examinar a nossa consciência, não paramos para ler a Palavra de Deus, não paramos para bebermos da Fonte de Vida Eterna (Jo 4, 4-15).

Conscientes desta situação, os secretariados esforçam-se por propor os *retiros espirituais* como ocasiões para voltarmos ao essencial, que é Cristo, a razão principal pela qual estamos nas E.J.N.S.. Uma paragem durante um fim-de-semana, em silêncio ou não, dá-nos uma renovada energia para acolhermos Deus na nossa vida, e saímos fortalecidos na Fé e com vontade de comunicarmos a alegria que sentimos nesses dias.

As E.J.N.S. propõem que cada equipista faça um retiro por ano. Por tudo o que temos a ganhar, não parece que a exigência seja assim tão grande.

### **7.2.3. A Devoção dos Primeiros Sábados**

Somos um Movimento mariano e expressamos a nossa devoção a Nossa Senhora também através de uma actividade: a *devoção dos primeiros Sábados*. Procurando cumprir o pedido que a Virgem Maria fez à Irmã Lúcia (Pontevedra, 1925) - "e tu diz a todos aqueles que, durante cinco meses no primeiro Sábado, rezarem o terço, me fizerem 15 minutos de companhia meditando nos mistérios do Rosário, se confessarem e receberem a sagrada comunhão, eu prometo assistir-lhes na hora da morte com todas as graças necessárias à salvação" - cada sector propõe aos equipistas encontrarem-se todos os meses na tarde do primeiro Sábado para rezarem e meditarem o terço, para se confessarem e para participarem na missa.

### **7.2.4. As Orações comunitárias**

O Movimento quer ser uma escola de oração e quer ajudar os seus membros a compreender o valor fundamental da oração, tanto ao nível individual como comunitário. Assim, propõe tempos de oração, geralmente uma noite, em que se juntam as várias equipas para rezarem. No tempo litúrgico do Advento e da Quaresma realizam-se habitualmente noites de oração.

### **7.2.5. A Acção sócio-caritativa**

Para os cristãos a Fé não se resume à espiritualidade, ela exprime-se por obras que tornam presente o amor de Deus junto dos mais pobres, segundo o espírito da doutrina social da Igreja. Os equipistas, cristãos comprometidos, sentem frequentemente a falta de aplicação prática daquilo que discutem na sua equipa e procuram ajudar pessoas que vivem situações de maior carência.

Para coordenar a acção dos equipistas que praticam gestos de solidariedade em hospitais, bairros degradados, orfanatos, lares de idosos, etc., surgem *equipas de*



*acção social ou sócio-caritativa.* Estas equipas fomentam a participação, orientam os interessados para as áreas necessitadas e permitem a partilha de experiências.

### **7.2.7. Cursos de Formação**

A equipa, por vezes, não nos dá a formação ao nível doutrinal que procuramos. Por isso, o Movimento organiza ocasionalmente *cursos de formação* sobre temas que os jovens sentem necessidade de aprofundar: curso de doutrina cristã; curso bíblico; curso de sexualidade; etc. Estes cursos, geralmente de 1 a 2 sessões semanais durante 1 ou 2 meses, destinam-se a grupos com 10 a 50 participantes.

## **7.3. Os encontros a nível nacional**

### **7.3.1 O Encontro Nacional**

#### a) Definição

Todos os anos num fim-de-semana de Março ou de Abril realiza-se a principal actividade do Movimento português: o *Encontro Nacional (EN)*. Noutros países o EN tem lugar em anos intercalados com o Encontro Internacional e realiza-se durante uma semana em Julho, Agosto ou Setembro. Em Portugal optou-se pela periodicidade anual e por realizá-lo a meio do ano e com duração de três dias, embora nada impeça outras alternativas.

Frequentemente aproveita-se a realização e o local do EN para convidar todos os casais para um encontro de formação de casais assistentes, geralmente com duração de um dia.

#### b) Objectivos e programa

No EN reúnem-se equipistas vindos de todo o país. Para os participantes a experiência desta diversidade é muito forte, pois a maioria deles não tem a noção do Movimento nacional. Um dos objectivos do EN é a participação, não só numerosa, mas o mais diversificada possível. Para o Secretariado Nacional a presença de equipas mais distantes exige um esforço financeiro significativo mas que compensa largamente.

A elaboração do programa do EN deve ter em atenção diferentes aspectos, incluindo o tema para o encontro.

O EN tem de ser uma experiência espiritual marcante. O programa deve reservar diversos tempos para: oração (manhã e noite); eucaristia diária; e, sempre que possível, uma celebração penitencial, uma via-sacra, um tempo de silêncio e reflexão.

Mas o EN também deve ser formativo e divertido, pois é uma ótima ocasião para conhecer melhor as E.J.N.S. e para fazer amigos. Assim, o programa deve incluir momentos: de formação (conferências, ateliers temáticos, reuniões de equipas mistas,

etc.); de convívio (tempos livres, jogos, apresentação de equipas, teatro, música, etc.); e diversos (visitas, testemunhos, actividades em equipa mista, etc.).

Deve-se dar especial ênfase à vida em equipa mista, pois é através dela que os participantes se integram no encontro. Cada equipa mista, à semelhança da equipa de base, é formada por 6 a 12 jovens, de preferência vindos das diferentes zonas do país, que se reúne cada dia do encontro para aprofundar o tema das conferências, para partilhar as experiências de cada jovem, para participar em conjunto nas actividades do encontro, entre outras.

### c) Organização

Quanto maior for a antecedência com que se prepara o EN, melhores são as hipóteses de tudo correr conforme o programa. É essencial a preparação e a distribuição de tarefas ao nível da Equipa de Animação Nacional.

Assegurar uma boa preparação prática do encontro é crucial. Antes do encontro há muitas tarefas que não podem ser descuradas:

- divulgação no jornal "Partilha" (se possível antes de Janeiro e até ao mês do EN);
- marcação da casa para o número de participantes previstos;
- envio da circular-inscrição a todos os equipistas;
- contactar os conferencistas;
- preparar, em colaboração com os sectores, cada um dos tempos programados;
- arranjar subsídios;
- formar equipas de: acolhimento, ordem, refeições, coro e animação de missas;
- fazer cartazes, crachats, lista dos inscritos, caderno com textos de apoio;
- compra de material corrente (canetas, tesouras, cola, etc.).

## **7.3.2 O Encontro de Secretariados, Responsáveis de equipa e Pilotos**

### a) Definição

Devido à mudança anual de membros de secretariado, de responsáveis de equipa e de pilotos, torna-se imprescindível organizar um tempo de formação que permita a todos tomarem consciência da responsabilidade que assumiram e de aprenderem mais sobre a forma como a vão desempenhar.

Para dar resposta a esta necessidade é organizado todos os anos num fim-de-semana de Outubro ou Novembro o *Encontro de Secretariados, Responsáveis de equipa e Pilotos (ESRP)*. É fundamental que este encontro se realize logo no início do ano lectivo, de modo a preparar os equipistas para a missão que lhes foi confiada.

### b) Objectivos e programa

O objectivo primordial é dar formação num ambiente de estimulante espiritualidade, pois qualquer missão nas E.J.N.S. é um convite ao crescimento na Fé. Os equipistas com cargos de responsabilidade têm neste encontro ocasião para participar em

conferências e ateliers (pequenas palestras sobre um tema específico), sobre assuntos como:

- ser responsável de equipa;
- os 4 tempos da reunião mensal de equipa;
- as tarefas num secretariado de sector, nacional e internacional;
- o papel do conselheiro espiritual e do casal assistente;
- a pilotagem.

O facto de estarem reunidas pessoas vindas de todo o país permite, tal como no EN, inculcar nos participantes a noção da diversidade nacional do Movimento. O ESRP tem características semelhantes ao EN (tempos de oração, convívio e música, equipas mistas, eucaristia diária, etc.) mas a prioridade é a formação e a partilha de experiências, pelo que o programa deve traduzir esta prioridade. Deve-se aproveitar este encontro para divulgar a Carta Internacional e o Documento Nacional e para rezar pelo Movimento.

#### c) Organização

Também no ESRP a preparação prática é fundamental, embora a antecedência não seja tão grande como no EN. Um aspecto crucial para uma participação razoável é o convite directo a todos os membros de secretariado (sectores, nacional e internacional), a todos os responsáveis de equipa (ou seus representantes) e a todos os pilotos. Este convite é antecedido de uma exaustiva recolha de nomes, unicamente possível com a colaboração de todos os secretariados de sector.

Outros aspectos: ver ponto 7.3.1.c).

### **7.3.3. As Peregrinações**

O cristão, consciente de que o seu destino é a vida eterna, é um peregrino neste mundo em busca de Deus. O acto de peregrinar é uma experiência fantástica de caminho rumo a Deus e, por isso, as E.J.N.S. também propõem as *peregrinações* como complemento à "caminhada" de equipa. Habitualmente nos meses de Maio ou de Outubro a meta das peregrinações das Equipas é o Santuário de Nossa Senhora em Fátima.

## **7.4. O Encontro Internacional**

#### a) Definição

De 2 em 2 anos, numa semana de Julho, Agosto ou Setembro, tem lugar o *Encontro Internacional (EI)*. Realiza-se de cada vez num país diferente, que se oferece para o organizar com a colaboração do Secretariado Internacional. É o momento mais importante na vida do Movimento, pois, ao juntar muitos jovens, casais e conselheiros vindos de todo o mundo, revitaliza o Movimento e reforça a sua unidade.

## b) Objectivos e programa

O objectivo do EI é proporcionar aos participantes uma semana de intensa internacionalidade, partilha de experiências e espiritualidade. O horário num EI é mais espaçado do que em encontros a nível nacional, o que permite uma grande variedade de actividades e muito tempo de convívio e também de oração e reflexão.

O encontro tem um tema, geralmente uma passagem da Bíblia (frequentemente o tema proposto para as Jornadas Mundiais da Juventude desse ano). Este tema é aprofundado ao longo da semana através de conferências, reuniões de equipas mistas, etc., e também no sub-tema escolhido para cada dia.

A vida em equipa mista é outro objectivo do EI, na medida em que é nela que os participantes se sentem acolhidos e chamados a dar testemunho do que estão a viver no encontro e, em geral, no Movimento e na Fé.

## c) Organização

Preparar um encontro para cerca de 500 a 750 pessoas exige um trabalho de equipa bem coordenado. Além disso, cada dia é preparado por um país ou grupo de países, o que, apesar de dar autonomia, complica o contacto entre o Secretariado Internacional e cada um deles. Daí que todo o programa e distribuição de tarefas tenham de ficar definidos na reunião da Equipa de Animação Internacional do verão anterior ao EI.

Outra dificuldade na organização de um EI é a deslocação. Cada país trata da viagem do seu grupo, que pode ser por terra (comboio, camioneta, automóvel) ou de avião, sendo conveniente contratar uma agência de viagens. Para fazer face às despesas, o Secretariado Nacional e os secretariados dos sectores devem encontrar formas de financiamento (festas, subsídios de empresas, sorteio de rifas, vendas diversas, etc.).

Cada país, ou grupo de países, prepara o programa do "seu" dia, mas para o encontro é elaborado um caderno com textos de apoio (que reúne o que cada país preparou) pelo que o trabalho de traduções antes do EI é significativo. Também durante o EI uma das dificuldades está relacionada com as traduções simultâneas. É fundamental existir no grupo nacional quem assegure as traduções, de preferência várias pessoas para as várias línguas.

É conveniente tratar das inscrições com antecedência de cerca de 2 a 4 meses e até se justifica (para ter uma ideia do número de interessados) pedir a pré-inscrição 6 meses antes do EI. Com a inscrição pede-se um sinal para o pagamento de despesas. O contacto directo com os inscritos (cartas-circulares, reuniões de preparação do encontro, etc.) ajuda a estimular neles a vontade de participar.

De entre os inscritos, cada país deve escolher pessoas para realizarem tarefas práticas durante o encontro: equipas de acolhimento, ordem, refeições, coro e animação de missas; responsáveis de equipas mistas; tradutores; responsáveis de camioneta; etc. O responsável nacional deve esforçar-se por estar com os equipistas, mais do que tratar das tarefas práticas, que devem ser deixadas ao cuidado dos membros do secretariado.

**Ultima actualização:** 9 de Fevereiro de 2006

**Nota:** Este documento não deve ser alterado no seu conteúdo e deve estar de acordo com os estatutos do movimento. Caso hajam alterações nos Estatutos Nacionais ou Carta Internacional a EAN pode proceder á alteração do presente documento.